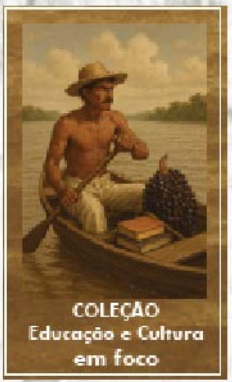
1967
CASAMENTO HOMOAFETIVO DE INACHA

Uma cartografia das sexualidades dissidentes nas tramas políticas, literárias e educacionais

Luiz Ramiro Cruz Cardoso
Gilcilene Dias Costa



PPGEDUC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO E CULTURA
Editora do Campus Universitário
do Tocantins/Cametá-UFPA

1967, CASAMENTO HOMOAFETIVO DE INACHA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor
Gilmar Pereira da Silva

Vice-Reitora
Loiane Prado Verbicaro

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação
Maria Iracilda da Cunha Sampaio

Diretor de Pós-Graduação
Marcelo Vallinoto

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ

Coordenador
Eraldo Souza do Carmo

Vice-Coordenadora
Raquel Maria da Silva Costa Furtado

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA

Coordenadora
Andrea Silva Domingues

Vice-Coordenador
Jorge Domingues Lopes

Secretário
Adenil Alves Rodrigues

1967, CASAMENTO HOMOAFETIVO DE INACHA

Uma cartografia das sexualidades dissidentes nas tramas políticas, literárias e educacionais

Luiz Ramiro Cruz Cardoso
Gilcilene Dias Costa

Editora do Campus Universitário
do Tocantins/Cametá-UFPA

CONSELHO EDITORIAL DA EDITORA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ-UFPA

Profa. Dra. Benedita Celeste de Moraes Pinto
Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)

Prof. Dr. Cézar Luís Seibt
Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)

Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann
Universidade Federal de Alagoas – UFAL (Brasil)

Profa. Dra. Dora Lilia Márquez Delgado
Universidad de Pinar Del Rio – UPR (Cuba)

Prof. Dr. Doriedson do Socorro Rodrigues
Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)

Prof. Dr. Edir Augusto Dias Pereira
Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)

Prof. Dr. Eraldo Souza do Carmo
Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)

Prof. Dr. Fabrício de Souza Farias
Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)

Profa. Dra. Gilcilene Dias da Costa
Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)

Prof. Dr. Isaac Pedro Vieira Paxe
Instituto Superior de Ciências de Educação de Luanda (Luanda)

Prof. Dr. Jesus Jorge Perez Garcia
Universidad de Pinar Del Rio – UPR (Cuba)

Prof. Dr. João Batista do Carmo Silva
Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)

Prof. Dr. Jorge Domingues Lopes
Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)

Prof. Dr. Júlio Roberto Soares da Silva
Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)

Profa. Dra. Kelli Garboza da Costa
Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)

Profa. Dra. Kimi Aparecida Tomizaki
Universidade de São Paulo – USP (Brasil)

Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (Brasil)

Profa. Dra. Monica Graciela Gatica
Universidad Nacional de la Patagonia (Argentina)

Prof. Dr. Robson Laverdi
Universidade Federal de Ponta Grossa – UEPG (Brasil)

Profa. Dra. Waldenira Mercedes Pereira Torres
Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)

Apresentação

Um Programa de Pós-Graduação em Educação, assim como os das demais áreas do conhecimento humano, cumpre seu papel ao formar pesquisadores capazes de conduzir, com autonomia, originalidade e ética estudos sobre os temas que lhes são relevantes e a missão do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), da Universidade Federal do Pará (UFPA) é "produzir, socializar e transformar o conhecimento na Amazônia, formando e titulando pesquisadores e profissionais da educação de forma crítica e comprometida com a construção de uma sociedade democrática e inclusiva", pois seu projeto pedagógico é norteado nas interações entre Educação e Cultura, visando desenvolver profissionais da educação e pesquisadores, de maneira crítica e comprometida com a construção de uma sociedade democrática, inclusiva e equitativa na área de concentração em Educação e Cultura com ênfase na formação humana e acadêmica, em âmbito global. Neste contexto, o PPGEDUC promove o desenvolvimento profissional de educadores e gestores; para que possam atuar em todos os níveis do sistema educacional local, nacional, regional e internacional.

Assim, é fundamental que os resultados de pesquisas orientadas no âmbito desses Programas alcancem o máximo de visibilidade, permitindo que esses conhecimentos cheguem ao público em geral e, principalmente, aos pares, que poderão avaliar e conduzir a devida crítica acadêmico-científica sobre os novos saberes que se apresentam.

É com essa perspectiva que o Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), da Universidade Federal

do Pará (UFPA), lança a Coleção Educação e Cultura em foco, da qual este livro é parte.

Portanto, o PPGEDUC/UFPA, ao promover o Edital nº 3/2025 para concessão de apoio para publicação de livros autorais, cumpre o seu papel de formar e difundir o resultado dos estudos na área da Educação, conduzidos por professores e professoras associados ao Programa, junto com seus respectivos orientandos de dissertação.

Agradecemos a todos os(as) docentes que atenderam ao chamado de nosso edital e incentivaram seus orientandos egressos a participarem em conjunto desta publicação. Também agradecemos ao apoio institucional da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP/UFPA), por meio dos contínuos subsídios ao nosso Programa, e ao apoio da Biblioteca Setorial do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, pelos registros de normalização desta obra.

Profa. Dra. Andrea Silva Domingues
Prof. Dr. Jorge Domingues Lopes

Às memórias da Comunidade de Inacha,
que partilhou seus pensamentos e saberes sobre
Inajacy e Inajá. Bem como, *todes* curupiranhas da
Amazônia, que lutam por possibilidades de vidas
livres na sociedade atual.

Obra selecionada e subsidiada pelo Edital institucional PPGEDUC/UFPA nº 3/2025 para concessão de apoio para publicação de livros autorais.

Todos os textos deste livro estão sob a licença Creative Commons -Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional.

Os conteúdos e as opiniões emitidas nos textos deste livro são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

Editores
Jorge Domingues Lopes
Andrea Silva Domingues

Revisão
Rafaele Lima da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Salomão Larêdo

C268m Cardoso, Luiz Ramiro Cruz
1967, Casamento homoafetivo de Inacha : uma cartografia das sexualidades dissidentes nas tramas políticas, literárias e educacionais / Luiz Ramiro Cruz Cardoso e Gilcilene Dias Costa _Cametá, PA : Editora do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, 2026.
108 f. : il. , color._ (Coleção Educação e Cultura em foco)

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-88140-28-4
DOI: https://doi.org/10.29327/5797021

1. Educação e Sociedade. 2. Casamento Homoafetivo. 3. Comunidade de Inacha – Cametá (PA). I. Costa, Gilcilene Dias da. II. Título. III. Série.

CDD 23. ed. – 370.19098115

Elaborado por Éder Antônio Sousa Ferreira – CRB-2/1276

Universidade Federal do Pará / Campus Universitário do Tocantins/Cametá
Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura – PPGEDUC
Trav. Pe. Antônio Franco, 2617, Prédio Orlando Cassique, térreo
CEP 68400-000 Bairro do Matinha Cametá-PA, Brasil
https://ppgeduc.propesp.ufpa.br/
ufpappgeduc@gmail.com

Essas manas do interior,
Se vestem de neon e soltam fogo meu amor!
Não sai de noite sem chamar atenção,
Chega na aparelhagem ofusca a iluminação.
Elas são, elas são, ENCARALHAÇÃO (4X)!
(MC Pokaroupas, 2020, p. 1)

Agradecimentos

À Universidade Federal do Pará (UFPA) e ao Campus Universitário do Tocantins/Cametá.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Ao Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC).

Ao corpo discente e docente do PPGEDUC.

À linha de pesquisa Culturas e Linguagens.

Aos examinadores da banca de Dissertação, professor Valdinei Miranda (PPGEDUC/UFPA), professora Larissa Latif (PPGARTES/UFPA) e professor José Sena (PPGDS/UFPA), pelos fecundos diálogos e contribuições a este trabalho.

Ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia (PROCAD-AMAZÔNIA).

À comunidade LGBTQIAPN+, aliança contínua nas encruzilhadas da vida.

Aos familiares e às amizades vividas nesse percurso.

Muito obrigado a todes nesse caminho rizomático! Axé!

Sumário

PREFÁCIO 12

GERMINAÇÕES RIZOMÁTICAS 15
IRUPÉ 15
REBENTOS DE INACHA 18

POLINIZAÇÃO ARNICOSA-RIZOMATOSA 25
RECEPTÁCULO METODOLÓGICO 25
RECEPTÁCULO TEÓRICO 33

HAXIXE ARNICOSO 46
FLORAÇÃO DAS FABULAÇÕES 46
GEL DE ARNICA 64

FRUTAS SATAN-DES(VIADAS) DA AMAZÔNIA 74

ENTRESSAFRA CURUPIRANHA 91

CAPILARIDADES TEÓRICAS 97

ÍNDICE REMISSIVO 103

SOBRE OS AUTORES 106

Prefácio

Esta obra intitulada "1967, Casamento Homoafetivo de Inacha: Uma cartografia das sexualidades dissidentes nas tramas políticas, literárias e educacionais", em coprodução de Luiz Ramiro Cruz Cardoso e Gilcilene Dias da Costa, fruto de dissertação de Mestrado, defendida com êxito no PPGEDUC/UFPA, apresenta-se como um exercício cartográfico que investiga as fabulações, tensões e memórias intersectadas pelo casamento homoafetivo de Inajá e Inajacy em Cametá, durante os anos de chumbo da ditadura cívico-militar brasileira. O recorte temporal reflete um período em que a repressão estatal às dissidências de gênero e sexualidade se entrelaçava com políticas educacionais autoritárias. Trata-se de um mapeamento das insurgências de corpos dissidentes frente a estruturas normativas de gênero, sexualidade e educação, articulando narrativas literárias, registros jornalísticos, documentos oficiais e depoimentos de narradores-colaboradores entrevistados pelo autor.

A metodologia, baseada na cartografia de Deleuze e Guattari (1995) e nos desdobramentos de Passos, Kastrup e Escóssia (2009), opera como dispositivo de análise dos agenciamentos políticos e afetivos que atravessam o episódio estudado. A cartografia persegue linhas de fuga, conexões rizomáticas e devires que desestabilizam narrativas hegemônicas, capturando não apenas eventos históricos, mas as ressonâncias políticas que ecoam nas práticas contemporâneas de resistência LGBTQIAPN+ na Amazônia.

A análise estende-se entre o romance *Olho de Boto*, de Salomão Larêdo (2015), que traz uma versão romanceada dos fatos, a cobertura dos jornais da época e narrativas obtidas por meio de entrevistas moradores da localidade da vila de Juaba e da cidade de Cametá, conhecedores do casamento por o terem presenciado ou por terem ouvido a história recontada ao longo dos anos na comunidade.

Cardoso e Costa observam, acertadamente, que o título da obra de Laredo, visto a partir da perspectiva cartográfica, pode operar em dupla chave: se o "olho de boto" é tradicionalmente interpretado como amuleto para atrair o amor, a expressão carrega

uma ressonância política radical — alusão ao ânus, elevado à categoria de dispositivo crítico no debate sobre sexualidades dissidentes. Tal abordagem ecoa as estratégias cucarachas propostas por Pelúcio (2016), que articulam o "cu" como metáfora e ferramenta para resistir à higienização do *queer* no contexto brasileiro, em diálogo irônico com o pensamento de Paul B. Preciado.

O método cartográfico manifesta-se na forma como o estudo entrelaça a análise literária, os registros históricos e os relatos dos narradores-colaboradores, seguindo a premissa de que a realidade é um campo de forças em constante devir (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009). As narrativas dos moradores de Cametá revelam conexões imprevistas entre o casamento homoafetivo dos anos 1970 e as performances satíricas de MC Pouka Roupas — artista que cunhou o termo curupiranha, aqui ressignificado como metáfora de uma pedagogia que corrói estruturas heteronormativas.

A investigação estabelece diálogo crítico com a Teoria *Queer*, propondo o neologismo *curupiranha* como dispositivo teórico-metodológico afinado às especificidades amazônidas. Esse constructo desafia a universalidade de categorias importadas, resgatando a potência antropofágica de devorar teorias estrangeiras — como as de Preciado (2018) sobre farmacopornografia — e regurgitá-las em clave regional. Não se trata de rejeitar o legado *queer*, mas de radicalizá-lo a partir de uma perspectiva que confronta o colonialismo intelectual e o genocídio contra pessoas LGBTQIAPN+, realidade urgente em um país que lidera o ranking global de assassinatos dessa população (Grupo Gay da Bahia, 2023).

A cartografia realizada evidencia ainda a imbricação entre sobrenatural e cotidiano na cultura amazônida, questionando dicotomias ocidentais como natureza/cultura. Os relatos que descrevem o casamento de Inajá e Inajacy como um ritual capaz de acordar a Uiara, ser encantado na mitologia amazônica, conecta a dimensão política aos saberes tradicionais locais, revelando uma potência dissidente que pode abrir caminho a um pensamento radical tanto dentro quanto da academia (ao conectar dispositivos teórico-conceituais), quanto fora dela (ao incluir corpos dissidentes num contexto ritual que mistura narrativas tradicionais com práticas humanas atuais.

Essa abordagem ecoa as reflexões de Preciado (2011) sobre o gênero como tecnologia de subversão, articulando-se às micropolíticas dos corpos dissidentes mapeados em Cametá.

O livro de Cardoso e Costa conecta a análise acadêmica à ação política: convoca à ocupação das ruas, à reinvenção das salas de aula, à desestabilização de um Estado que perpetua violências contra dissidências. Ao tensionar a academia com vozes das margens, a pesquisa reivindica um lugar para a curupiranhização do pensamento: prática que insurge contra a normatização da vida e exige escuta ativa dos saberes locais.

Se a educação tradicional se assemelha a um templo de verdades sagradas, a escola curupiranhizada — inspirada no mito do ente florestal de pés invertidos — opera como labirinto de questionamentos. Nela, o currículo não é mapa, mas bússola desorientadora: desconstrói a ciência como monumento colonial e a reconstrói a partir das margens, onde saberes dissidentes se entrelaçam à química das quebradeiras de coco, aos grafismos marajoaras e às performances satíricas de corpos que desafiam a heteronorma.

Essa ciência curupiranhizada não se contenta em registrar o mundo — cria fissuras, como o casamento de Inajá e Inajacy, para que novos modos de existir germinem nas brechas do instituído. Se a pedagogia dominante exorciza diferenças, aqui elas são invocadas como agentes de um devir-infernal, onde aprender é desaprender a lição do colonizador. Que esta obra seja, assim, não um ponto final, mas um feitiço lançado: uma provocação para que educadores e pesquisadores ousem desertar do sagrado e abracem a potência transgressora das trevas.

Larissa Latif
Professora da UFPA

GERMINAÇÕES RIZOMÁTICAS

IRUPÉ[1]

Imagem 01 – Irupé



Fonte: https://www.multirio.rj.gov.br/images/img_2017_10/VITORIA-REGIA-int.jpg

[1] Nome indígena da planta aquática Vitória-Régia.

Nas marés que incidem as germinações rizomáticas desta pesquisa que se desenvolveu em Cametá-PA. Assim, este trabalho nasce das memórias e fabulações de uma história popular incomum que se passa em Cametá, em geral, conhecida entre pessoas mais velhas. Um episódio de casamento à frente de seu tempo. Quem imaginaria um casamento homoafetivo em 1967 no interior da Amazônia Tocantina?

Assim, visamos arriscar nos contares de corpos sexuais dissidentes que tecem movimentos rizomáticos na Amazônia Tocantina, assim como uma Irupé. Segundo Gomes e Christo (2022), o amor por Jaci (Lua) fez a indígena Naiá ficar obcecada pelo astro lunar, Deus na mitologia indígena, e na cobiça de se tornar uma estrela. No entanto, sua contemplação fez-se afogar no igarapé no reflexo de Jaci. Todavia, diferente de outras indígenas que se tornaram astros luminosos nos céus, Naiá tornou-se Irupé que somente à noite desabrocha sua flor.

Desse modo, a construção desta pesquisa remete à micropolítica de corpos sexuais dissidentes de Cametá, com sua narrativa em trânsito entre o trágico e o cômico, que frequentemente compadece com questões de violência, piadas satíricas vindas de diversos grupos sociais do município.

Nestas linhas embrionárias, como um mapa, os olhos buscam conexões e suas ramificações com os sujeitos mapeados pelos seus agenciamentos sociais na sociedade cametaense. Deste modo, na construção inicial, narra uma história que perpassa pelo trágico-cômico que marca a cultura cametaense em suas histórias, nas quais o sobrenatural e o natural convivem.

A cultura do Baixo Tocantins são radículas rizomatosas do Irupé que me alimentam a brilhar como a Lótus dessa planta. Mas prefiro revisitar outra planta mais comum que o Irupé, a **Arnica**. Por se tratar de uma planta com características rizomáticas de propriedade curativa, bastante usual na Amazônia, a arnica compõe o rizoma curativo das dores desta pesquisa-intervenção cartográfica (Deleuze e Guattari, 1995), para o florescer de outras simbologias desta planta brasileira nas dissidências desta escrita. A planta em uso além de ser rizomatosa, também é utilizada tanto na indústria da beleza quanto medicinal, esta última em especial como gel para

aliviar dores, então abranda as dores subjetivas e a movimentação desta pesquisa aventureira em chão cametaense. Esta pesquisa convida leitoras e leitores a aplicar arnica no teor do assunto experimentado neste texto.

Imagem 02 – Arnica



Fonte: Enza Batista, feito sob encomenda para pesquisa (2023).

Nas ramificações arnicosas, visitamos as linhas do livro Olho de Boto (2015) e com relatos dos colaboradores, questionamos até onde a educação Cametaense se castrou? Ao nos transportarmos para a narrativa do livro, dentro dele emergem muitos conflitos como pesquisador, eu não consigo ficar quieto às rupturas acadêmicas.

Os estudos de sexualidade guiaram-nos até "Olho de Boto" (2015). Dentro dos muros acadêmicos e da saúde houve a patologização da homossexualidade, pois mesmo desde 1990 a Organização Mundial da Saúde (OMS) excluiu como doença e problemas relacionados a saúde, contudo socialmente há desafios. Além do discurso médico em relação à sexualidade, há o discurso religioso proveniente da cristandade evangélica pentecostal como perigo, uma desestabilização. Algo semelhante ao que ocorreu com o casal de Inacha sofreu violência tripla: Estado, Religião (Cristã Católica) e médica.

Celebramos a pesquisa como uma narrativa incomum de dois homens que enfrentaram a heteronormatividade. Incomodaram uma cidade dos Notáveis, pois na cidade deles (colonizadores e seus descendentes), mas também, foi palco da primeira celebração do casamento homoafetivo do Baixo Tocantins.

Em oposto a essa sociedade: Por nossas veias correm sangue cabano do Baixo Tocantins e reivindicamos que sejamos lembrados como a terra do Casamento de Inacha, de Antônia Cudefacho, dos Camutás[2], Felipa Aranha[3] e tantos outros sujeitos insurgentes que provocaram fissuras nas paredes dos invasores e seus descendentes.

REBENTOS DE INACHA

Esta pesquisa deságua em encantarias e fabulações de um casal homoafetivo que protagonizou uma celebração de casamen-

[2] Camutás: Um dos nomes dado ao povo nativo (Tupinambá) da região de onde surgiu a cidade que hoje é Cametá, o nome do município vem da palavra caa (mata) e muta (degrau) do tupi.

[3] Mulher africana escravizada em Cametá no século XVIII que fugiu e construiu o quilombo do Mola, que os portugueses nunca conseguiram derrotar.

to, proibido no período de chumbo da Ditadura Cívico-Militar no Brasil (1964-1985). Este casal conservou vestígios de memória na cultura cametaense, bem como construiu ramificações entre escrita e oralidade ou de encontro de ambos, consequentemente este estudo penetrou três fabulações acerca do casamento entre homens no interior do Pará: narrativa romancista de ficção, memorial e jornalística.

Os "consortes de Cametá" – como foram nomeados pelo jornal da época – sofreram retaliações e ataques vindos do poder público de Cametá, principalmente a Inajacy, qual trajou um vestido de noiva, logo, este ato performativo desestabilizou as normas de gênero e sexualidade de uma cidade arraigada em valores morais de resquícios da colonização europeia, e que por décadas tenta apagar do imaginário popular aquele ato vanguardista.

Todavia, primeiramente, remonta-se ao golpe cívico-militar que ocorreu em 31 de março de 1964 sob pretexto de uma revolução contra a chamada "onda comunista", instaurado contra o presidente João Goulart e tomado pelo governo das Forças Armadas. No Pará, quem assumiu o posto de Governador do Estado foi Jarbas Passarinho (1920-2016) por dois anos (1964-1966) e foram realizadas eleições em 1965. O governante sucessor foi Alacid Nunes (1924-2015) entre os anos de 1966-1971.

O ano é 1967. O lugar é uma comunidade rural no Distrito de Juaba, distante 22,4 km da cidade de Cametá–PA, região do Baixo Tocantins, no estado do Pará, uma localidade historicamente formada por remanescentes de africanos. Nessa zona distrital há uma comunidade quilombola de nome Inacha[4], lugar onde teria ocorrido o (im)provável episódio do "casamento gay", popularmente difundido na região, protagonizado pelo casal homoafetivo, Inajá e Inajacy[5].

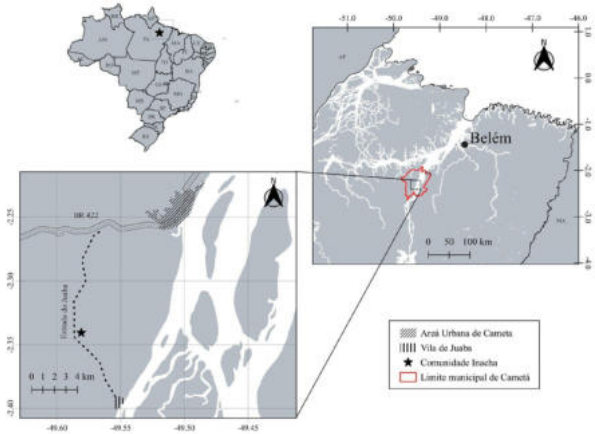
A comunidade de Inacha atualmente fica cerca de 16 km de distância da área urbana (Cametá-sede urbana) atravessada por uma estrada de terra (estrada do Juaba), portanto, pertence ao dis-

[4] A comunidade de Inacha continua em processo de reconhecimento de *status* de Comunidade Quilombola.

[5] Nesta pesquisa optou-se pela ocultação original dos nomes dos noivos e foi utilizada a versão ficcional literária do escritor paraense Salomão Larêdo.

trito de Juaba e as informações sobre a comunidade rural advém do distrito. A comunidade do Juaba tem uma população de 14.772 habitantes (IBGE 2010), foi fundada no final do século XIX e se localiza na seguinte extensão geográfica do município de Cametá–PA:

Imagem 03 – Localização da Comunidade de Inacha e Juaba



Fonte: Yan Brigida, feito sob encomenda para pesquisa (2024).

A população de Inacha configura por apresentar fenótipos negros, indígenas e de descendência europeia. A forma de renda advém da agricultura familiar como: farinha de mandioca, frutas e hortaliças. Além disso, o rendimento é complementado com benefícios sociais do governo como o Bolsa Família e aposentadorias dos agricultores por idade. Próximo à comunidade há uma escola de Ensino Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Achilles Ranieri, mas também espaços religiosos cristãos: católicos e protestantes. Contudo, há grande influência religiosa de matriz africana e indígena, principalmente entre os católicos.

Esse panorama atual da comunidade de Inacha conserva a estrada de terra de 1967, quando ocorreu o casamento de Inacha, ou casamento igualitário, como nomenclatura atual. Aquela celebração impactou a cidade de Cametá, especificamente nas relações de gênero e sexualidade, consequentemente seus desdobramentos na Educação e Cultura.

O aspecto instigante da comunidade de Inacha para esta pesquisa é o acontecimento do remoto casamento entre dois homens, trazidos neste texto por seus nomes literários, Inajacy e Inajá. O que tem de tão importante dois homens unirem já que o Estado Brasileiro (sob ameaça de deslegitimar) reconhece este tipo de união?

Contudo, quando pesquisadores entraram em contato tanto com a Comunidade de Inacha e moradores da cidade de Cametá. Alguns enunciados foram constantemente proferidos acerca desse acontecimento: *"Eu só ouvi dizer, mas não posso falar muito. Não tenho a contribuir"*; *"Eu posso contar, mas não estava lá vendo o casamento"; "Prefiro não falar em respeito à memória deles"*.

Assim, *o lócus* da pesquisa permeia este trajeto Inacha-Cametá, onde estes sujeitos foram arrancados do seu lugar de conforto e foram colocados em exposição pública em uma tentativa de impor medo a comunidade LGBTQIAPN+, bem como a tentativa de apagamento deste da memória da população.

Isso posto, o propósito primordial desse estudo foi construir um texto que explorasse as fabulações acerca do casamento de Inacha para um desembocar político-social-educacional, pois, pelas veredas dissidentes apontam novos olhares para uma educação que esteja além da extensão heteronormativa de violência do Estado contra pessoas de sexualidade e gênero dissidente. Mas também, o alvo desta pesquisa foi mapear os platôs do rizoma que pulverizam as dissidências de gênero e sexualidade no município de Cametá, para articular uma artistagem educacional curupiranhizada a partir do casal homoafetivo, de pessoas interioranas, a fim de desterritorializar os modelos tradicionais heterossexuais na educação e espaços cametaenses.

Vale mencionar que há um notório processo de apagamento, no qual pessoas já questionaram se é verídico tal episódio insurreto ou mesmo negam compartilhar suas memórias, como ocorreu no andamento desta pesquisa. Assim, levantamos questões: como tem sido narrada a história do casamento homoafetivo de Inacha pela literatura e a sociedade cametaense? Como a Teoria *Queer* se intersecciona com uma perspectiva do deboche curupiranha da Amazônia e Casamento Homoafetivo de Inacha em questões de gênero,

sexualidade e educação? Que reverberações políticas, educacionais, de gênero e sexualidade este estudo impacta na comunidade acadêmica e nas lutas LGBTQIAPN+ na atualidade?

Por meio desses questionamentos, a pesquisa transcorre as tramas e as narrativas do casamento homoafetivo entre dois homens, Inajá e Inajacy, ocorrido em 1967 na comunidade quilombola de Inacha, município de Cametá–PA, na região amazônica, tendo como lastro as seguintes produções: memórias; literatura e jornalística. Nesse ínterim, a obra literária do escritor cametaense Salomão Larêdo, especialmente Olho de Boto (2015) e Antônia Cudefacho (2006), serviu como premissas literárias na busca das fabulações, memórias a serem vistas e tensionadas nesta pesquisa.

Assim, esta pesquisa visa cartografar as fabulações e as memórias transcorridas do casamento homoafetivo de Inajá e Inajacy nos anos de chumbo da ditadura cívico-militar, provocou o tensionamentos, insurreições de corpos dissidentes nas relações de gênero, sexualidade e educação.

A metodologia se tece com a cartografia rizomática de Deleuze e Guattari (1995) e fontes literárias, documentais e memoriais. O intuito de provocar movimentos de insurreição de corpos dissidentes e tensionamentos entre o passado da ditadura cívico-militar e o presente no município de Cametá e Comunidade rural de Inacha. Esta metodologia mapeia as fabulações pulverizantes estilhaçadas entre Cametá-Inacha, instigado pela cartografia de corpos homoafetivos deste trabalho.

Neste processo cartográfico, adentrou-se por uma pesquisa qualitativa, exploratória, bibliográfica, estudo de campo com entrevistas semiestruturadas, pois a pesquisa cartográfica utiliza diversas ferramentas para mapear os diversos platôs que surgiram durante a trajetória desta escrita com foco na observação. Tensionou a Teoria *Queer* a partir de um termo novo cunhado de Curupiranha, provocou fissuras no modelo tradicional de educação de Cametá e o colonialismo europeu deixado.

Na construção desse trabalho dialogou teoricamente com pesquisas importantes da área de estudo da sexualidade e gênero como

Foucault (2006), Butler[6] (2003) Preciado (2014), Miskolci (2012) e Beauvoir (1970). Uma intercessão educacional com tema anterior, visitou Hooks (2013) e Corazza (2002), e complementados por estudos Sena (2020), Mbembe (2018), e Trevisan (2018) sobre violência do Estado.

O livro de Salomão Larêdo, Olho de Boto (2015) constrói uma narrativa que leva o leitor a um orgasmo literário ficcional, bem como as memórias dos colaboradores - estes cooperantes para preservar suas identidades foram cunhados sob nomes de plantas rizomatosas - (Dona Gengibre, Senhor Escapadinha de São Jorge, Senhor Samambaia, Dona Batata) - da pesquisa apontam outras narrativas que embalam uma nova ótica acerca do casal. Doravante, uma notícia de jornal que despertou para diversas fabulações que têm em comum o casamento de dois homens. Todas foram discutidas sem a presunção de um jogo de verdade e mentira, todavia, de construções de memórias e enunciados coletivos que operam mecanismos que conduzem os processos maquínicos desta pesquisa.

Nos rastros que cartografaram as veredas que analisa os sujeitos deste estudo apontou inicialmente para Teoria *Queer,* corrente teórica de estudos de gênero e sexualidade oriunda de países capitalistas imperialistas que em muito contribui para a pesquisa. Porém, nas oscilações científicas encontrou uma forma de contribuir com esse estudo, a partir de uma ótica amazônida, cunhado como *Dictério Curupiranha,* utilizado na produção do texto para repensar as práticas na educação. Arriscou-se questionar o termo *Queer*, mesmo que seja numa tentativa de ser guarda-chuva das manifestações sexualidades e gêneros dissidentes, ainda não tão desestabilizador quanto a palavra (CU)RU(PIRANHA), por uma ótica curupiranhizada repensa, esgoela-se, tensiona as questões de gênero e sexualidade para amazônidas.

[6] Ocasionalmente usa-se o termo feminino para Butler, no entanto, vale ressaltar que é uma pessoa não-binárie. Como a linguagem inclusiva de gênero não faz parte da norma-padrão da língua portuguesa, foi opção estética o feminino, mas em alguns momentos foi utilizado os dois gêneros expressivos da língua que o trabalho foi redigido.

Em 18 de outubro de 2022, iniciou-se o contato com a comunidade de Inacha, nome do qual Dona Gengibre não soube afirmar com precisão a origem. A senhora presume que pode ser corruptela do nome Márcia, Márcio ou Inarcia, ou ainda um nome indígena desconhecido, ou sem tradução, afirmou que já houve tentativas de estudar a origem do nome da comunidade rural, porém foi insucesso.

Nas experimentações de novas fronteiras no atravessar do Rio Tocantins da margem direita até a outra, qual Inacha faz parte e presenciar movimentos que uma metodologia tradicional não acompanharia processos de voos e pausas na pesquisa. Transitar pela estrada de terra que até hoje permanece a mesma quando o casal a percorreu pela primeira vez questionava a cada viagem a Inacha. *O que vamos experienciar?* Olhar a paisagem verde e percorrer os quilômetros que desafiaram o poder local e o próprio por recalque, foi naquele ambiente.

POLINIZAÇÃO ARNICOSA-RIZOMATOSA

RECEPTÁCULO METODOLÓGICO

Na construção desta pesquisa, optou-se pela metodologia Cartografia-Rizomática[7] Deleuziana e Guattariana, os quais nos provocaram ir contra os métodos tradicionais de inspeção no seio acadêmico, bem como insurgem novas óticas pela forma/meio que averiguar o estudo. Ainda assim, ferroados pelas abelhas da planta rizomatosa da pesquisa, desestabilizou os métodos primários propostos neste caminho científico, pois o trabalho nas suas movimentações, não se contentou com métodos tradicionais cânones. Portanto, reiteramos o questionamento do próprio termo em discussão - "metodologia" - na vivência desta pesquisa:

> A Cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. (Passos, Kastrup; Escóssia, 2009, p. 17).

Neste desafio de construir novas perspectivas, o contato com o trabalho Rizoma de Deleuze e Guattari (1995) traçou movimentos que retiravam a metodologia. Doravante, para abre alas de multiplicidades e afirmam autores, Deleuze e Guattari (1995) "Falamos exclusivamente disto: multiplicidade, linhas, estratos e segmentaridades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, os corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada

[7] Muitos trabalhos apenas trabalham com termo Cartografia, no entanto, devido às contribuições para forma de pesquisar que ressalto a palavra rizoma (com suas variantes), pois a primeira vez da publicação de Rizoma, como livro autônomo foi em 1976, Mil platôs vol. 1 em 1980. No Brasil o livro Rizoma é o primeiro capítulo do segundo, mas vale ressaltar que a construção do termo Cartografia está em conexão Rizoma.

caso." (Deleuze; Guattari, 1995, p. 11).

Aqui não se coloca os pesquisadores como seres à parte do objeto ou sujeitos neutros da pesquisa, todavia pesquisadores-interventores. Visto que a partir deste platô adentra para educação que esteja além da dos modelos tradicionais nas questões de gênero e sexualidade. (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009).

Nos territórios daquelas linhas, experimentamos sermos arrebatados, caímos naquele mundo, como Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll ou como produtos arnicosos tateando novos lugares para ser encontrado, o livro Olho de Boto (2015) desterritorializar as noções de escrita como Deleuze e Guattari "Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. (Deleuze; Guattari, 1995, p. 02).

Vale salientar que não é porque a cartografia é contra o método pré-estabelecido de forma estática, cujo pesquisador não fica preso, mas propõe experimentar o(s) que mais se agenciam linhas de fuga. Quando entra em campo que não existe uma metodologia e teoria, aliás existe toda a sua disposição, eles estão disponíveis, como cartógrafos no terreno rizomático, em cada platô, onde se vivencia, delicia-se, e atingido pela pesquisa, um método é necessário para acompanhar, engana-se que Inajacy e Inajá estão parados a espera de um pesquisador, eles já estão em movimento. Cada encontro em terrenos desconhecidos vem à mente: "*Que abordagem é melhor neste ponto?*". Passos, Kastrup e Escóssia (2009) explicita:

> Em um sistema acêntrico, como conceber a direção metodológica? A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: metá-hódos. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (hódos) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o metá-hódos em hódos-metá. (Passos, Kastrup; Escóssia, 2009, p.10).

Certa vez, indagados por outro pesquisador como nós inves-

tigaríamos o casamento de Inacha, respondemos que não sabia. Obstante, vimos o desconforto como nosso fazer ciência estaria incompleto, ou no pior das interpretações, fadado ao fracasso. Queremos ressaltar que lançamos à pesquisa e, no decorrer dela, outros agenciamentos foram se construindo nas relações maquínicas.

Maquínicos não têm relação direta com a produção industrial, mas como os objetos/sujeitos se relacionam. Nele há engrenagem que é contínua e conecta diversos lugares para o funcionamento do mundo. Por exemplo, a máquina casamento Inacha conecta a ditadura cívico-militar, a máquina ditadura cívico-militar conecta a homofobia, a máquina homofobia conecta a heteronormatividade... estas conexões são caminhos tortuosos que de alguma forma construções veredas arnicosas ou na variante falada pelos agricultores de Inacha-Cametá: abrir *picos,*[8]. Portanto, quando embarcamos no casamento *gay* de Cametá, estivemos em processos de negociação, estabelecemos mapas.

Pois cada encontro que nos propomos a partir da temática "Casamento Gay de Inacha", "O florescente casamento de Inacha" ou "Casamento dos dois rapazes de Inacha", pois pelas primeiras linhas tentamos adentrar do que era o rizoma casamento Inacha. Acompanhar esse processo de produção inserido como dispositivo na sociedade cametaense, ora motivo de curiosidade, ora de chacota, como o senhor Samambaia expressou sobre *manjar*[9] seu lugar. Consequentemente, realizamos 9 (nove) encontros nesta pesquisa:

1º Encontro em 16 de outubro de 2022: Com inícios das aulas do Mestrado em Educação e Cultura em 18 de agosto de 2022 começou as preparações para visitar a comunidade Inacha. Não conhecia ninguém, éramos aventureiros, a comunidade pertence ao distrito de Juaba, conhecia uma família da vila que fica a 6,4 km do lugar e alcunhamos o nome de Dona Batata.

Conversamos, foi utilizado como método entrevista com perguntas abertas acerca do tema do casamento de Inacha, ela demonstrou que só sabia das narrativas de algumas pessoas super-

[8] Terminologia interiorana utilizada para designar caminhos estreitos abertos em matas fechadas para conectar a um outro lugar, uma estrada, um lago, rio e entre outros lugares desconhecidos.

[9] Termo coloquial para algo famoso por aspecto negativo.

ficialmente, principalmente postagem da rede social *Facebook.* Contudo, falou de uma pessoa que poderia me ajudar, no caso Dona Gengibre. Mas uma tempestade torrencial impediu de transitar para estabelecer o primeiro contato com a colaboradora.

2º Encontro em 16 de novembro de 2022: Novamente retornamos à casa de Dona Batata, chegando por volta das 12h00. Houve segunda tentativa com Dona Batata acerca do assunto usando a forma de entrevista com perguntas abertas e repetiu que conhecia apenas a publicação da rede social *Facebook.* Fomos ao encontro de Dona Gengibre e seu marido, e conversamos. Inicialmente, Dona Gengibre mostrava-se tímida por não ser testemunha ocular do florescente casamento, contudo ela estava emaranhada pelas memórias das pessoas do lugar. Novamente utilizamos perguntas abertas para averiguar se Dona Gengibre é fonte confiável e mostrou-se enriquecedora à pesquisa.

3º Encontro 28 de fevereiro de 2023: Dona Batata não poderia nos abrigar, pois cedeu parte de sua casa para escola da comunidade. Os encontros anteriores eu dormia na comunidade. Havia apenas uma linha de ônibus de quatro que fazia via Inacha, pois a estrada é extremamente precária no período do inverno amazônico, portanto os ônibus evitam fazer o trajeto, isolando-a. A única linha que faz nesse período não faz viagem diariamente. Atolou ônibus na estrada e atrasou em uma hora a viagem.

Chegamos por volta do almoço, recebidos calorosamente. Almoçamos e Dona gengibre teceu suas memórias regado a um café pós-almoço e conversamos sobre o casamento com uso de perguntas semiestruturadas como: A senhora conhece um pouco da história dos rapazes que se casaram? Como foi essa história que foi repassada a senhora? E entre outras que faziam contorno de como ocorreu a história.

4º Encontro 01 de março de 2023: Novamente recebido muito bem por Dona Gengibre, almoçamos e seguimos até a casa do senhor Bambu, um senhor de 67 anos que morava há pouco metros da casa da nova segunda colaboradora. Conversamos, ele iniciou contando sobre a vida de agricultor, depois de algumas horas adentramos a história e mostrou-se alegre de primeira, pois segundos esses colaboradores de Inacha nunca ninguém foi lá pesquisar so-

bre casamento. Utilizamos a mesma forma de pesquisa do dia anterior. No entanto, alguns meses depois pediu a retirada de seu relatório desta pesquisa. Como era previsto no termo de consentimento foi executado e a pesquisa teve que desenvolver novos caminhos.

5º Encontro em 10 de maio de 2023: Após três tentativas de viagem e a estrada de Inacha não permitir o deslocamento nos meses de março e abril, conseguimos estabelecer novamente contato. Dona Gengibre indicou uma terceira colaboradora de Inacha, contudo a mulher estava doente e poderia num próximo encontro me receber para experimentar as memórias dela.

6º Encontro em 21 de setembro de 2023: Após meses na tentativa de contactar alguém da cidade de Cametá, uma funcionária pública indicou o Senhor Espadinha de São Jorge que me recebeu em sua casa na cidade de Cametá e partilhou suas memórias. Um homem-escritor fez anotações acerca do casamento e compartilhou no formato de entrevista oral semiestruturada fluiu as suas colaborações na nossa produção. Por fim, indicou o Senhor Samambaia e imediatamente entrei em contato com o senhor.

7º Encontro em 22 de setembro de 2023: O senhor Samambaia concedeu uma entrevista na cidade de Cametá, por se localizar próximo à Igreja de São João foi testemunha ocular do "alvoroço" que aconteceu no dia em que dois homens chegaram à cidade com a falsa promessa de casamento. Novamente utilizei a entrevista semiestruturada com perguntas que eram adequadas às respostas do senhor Samambaia. Um senhor lacônico, no entanto, foi produzido entrecruzamentos com outros colaboradores.

8º Encontro, em 26 de outubro de 2023: Novamente entrei em contato com Dona Gengibre, muito solicitante, que tentou convencer outras pessoas a participarem da pesquisa, bem como o retorno do senhor Bambu. Mas sua filha, animada com a pesquisa, também mostrou disposição na busca de uma próxima pessoa. Vivenciamos um pouco da dinâmica do espaço campesino. Naquele encontro, à beira da estrada, a família da colaboradora estava limpando um terreno para plantação de mandioca. Mas encerramos nosso ciclo de visita para finalização da pesquisa.

9º Encontro em 30 de outubro de 2023: Entrevista com Salomão Larêdo na cidade de Belém sobre a construção da sua ficção

acerca do casamento e como foi apanhado pela situação. Foi utilizado a entrevista semiestruturada com perguntas como foi seu acesso à história, alegou que desde que morara em Cametá ainda criança tentou contato com a comunidade de Inacha, mas ressalta que sua escrita acerca do casamento é ficcional.

Para preservação da identidade dos colaboradores foram cunhados nomes de plantas rizomatosas, exceto Salomão Larêdo, pois seria fácil reconhecimento do leitor as palavras do escritor cametaense.

Durante todas as entrevistas, utilizou o modelo semiestruturado, os quais teceram suas narrativas a partir de suas memórias livremente. Da mesma forma, houve outras tentativas com três colaboradores na cidade de Cametá.

Para preservação da identidade dos colaboradores foram cunhados nomes de plantas rizomatosas, exceto Salomão Larêdo, pois seria fácil reconhecimento do leitor as palavras do escritor cametaense.

Além disso, uma funcionária pública que indicou Espadinha de São Jorge, ela em seus ditos demonstra algum grau familiaridade com a história do casamento de Inacha, mas preferiu indicar outra pessoa com medo de inferir "dados errados", além disso, usou como mecanismo para não tocar no assunto. Visto que é uma mulher na faixa dos 50 anos e muito católica.

Considerável de notar que discurso de invalidez da memória é maior empecilho na pesquisa durante o translado científico, pois há grande esforço para cativar os colaboradores, por fim permitir o acesso às suas narrativas. Dona Gengibre, o Senhor Espadinha de São Jorge e Samambaia são pessoas que não foram testemunhas oculares do casamento, exceto o último, no entanto, há uma grande potência nas falas, seus ditos, interditos e até no silêncio.

Na pesquisa cartográfica seguiu as pistas de Passos, Kastrup, Escóssia (2009) para acompanhamento do estudo, pois elas foram importantes. Destacando três delas: O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo; cartografar é acompanhar processos; o coletivo de forças como plano da experiência cartográfica.

O primeiro, a pista dois do livro dos autores sobre cartografia,

O funcionamento da atenção no trabalho, estimulou uma atenção paciente na pesquisa, pois pela cartografia como método pronto para ir a campo de investigação, ao acompanhar processos que estão movimentos. Não chegamos ao objeto como algo que fosse necessário, descoberto como modelo tradicional, todavia aberto a possibilidades. "A atenção não busca algo definido, mas torna-se aberta ao encontro" (Passos, Kastrup; Escóssia, 2009, p. 38). Encontros estes que, nos primeiros momentos, desnorteiam-nos pela atmosfera campesina, casas distantes umas das outras, este ambiente promoveu estarmos andarilhos em sua estrada, pico e veredas. Bem como 5º encontro, em 10 de maio de 2023, a estrada apresentava condições melhores:

Imagem 04 – Estrada do Juaba na Comunidade de Inacha



Fonte: Autores (2023)

Segunda pista, terceira do livro, *Cartografar é acompanhar processos,* as memórias além-livro nos desafiam revisar a todo momento, pois andamos lado a lado de nossos colaboradores que estão cientes do tipo de pesquisa. Habitar um lugar desconhecido.

> Sempre que o cartógrafo entra em campo há processos em curso. A pesquisa de campo requer a habitação de um território que, em princípio, ele não habita. Nesta medida, a cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica e lança mão da observação participante. O pesquisador mantém-se no campo em contato direto com as pessoas e seu território existencial. (Passos, Kastrup; Escóssia, 2009 p. 56).

Fomos com embasamento teórico e com medo a campo, pois a cada novo encontro ou passo era revisitado o processo de construção deste estudo, pois a própria em meios processos e memórias das pessoas. Ficamos atônitos com potências e embalo do processo que de início pareciam correntezas fortes que arrastam para meio maré de possibilidades e aos poucos foi afunilando o olhar.

A conexão entre os encontros tinham os processos que questionam as teorias que carregavam e me refazia (re)construir tudo novamente, novas possibilidades, curupiranhizar a escrita do texto dissertativo.

Na terceira, quinta pista do livro, *O coletivo de forças como plano da experiência cartográfica,* repensar o processo científico que não é individual, mas permeado pela sociedade que está inserido, algo contaminado pelo capitalismo, não se construiu este texto e processo metodológico-teórico sem atravessamentos dos cultivos e no habitar de Inacha-Cametá-Belém dos colaboradores que predispõem infectar na produção deste texto.

"Ao cartógrafo cabe se deixar levar, em certa medida, por esse plano coletivo, não por falta de rigor metodológico, mas porque uma atitude atencional própria do cartógrafo! Que o permite acompanhar as modulações e individuações dos objetos e da realidade." (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 105).

Dentro desse processo cartográfico em curso, utilizou as experimentações que a cartografia pode proporcionar. A palavra que mais representa esse "processo metodológico" foi *REPENSAR* cada conexão na pretensão de mapeá-la. Até esse ponto apresentado, desenvolveu esse material que está em contínuo processo de refletir o rizoma casamento de Inacha.

RECEPTÁCULO TEÓRICO

No campo teórico, o trabalho é atravessado principalmente por estudiosos das diversas áreas de gênero e sexualidade. No princípio, visitou os trabalhos de Butler com Problema de Gênero: Feminismo e Subversão de Identidade (2003) e Foucault com História da Sexualidade I (2006) a e II (2006) b, Preciado com Manifesto Contrassexual (2014), alinhou-se aos estudos de Teoria *Queer.*

Visitamos pesquisas brasileiras acerca da teoria, também as particularidades amazônidas, em diálogos com autores de gênero e sexualidade como Louro com Corpo Estranho (2004), Miskolci com Teoria *Queer:* Um aprendizado pelas Diferenças. (2012), Trevisan com Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da Colônia a atualidade (2018) e Sena com Corpos Dissidentes e Biopolítica na Amazônia Atlântica (2020), portanto se arriscou tecer um Dictério Curupiranha na teoria *Queer,* preocupada com as dissidências amazônidas e brasileiras, porém em agenciamentos. Entre outros estudiosos que, durante a pesquisa cartográfica, são requisitados para colaborar no produto inventivo.

O contexto do casal de Inacha estimulou visitar trabalho dispositivo de poder do Estado visitou os trabalhos de Foucault com Vigiar e Punir (2013), Rocha com Do Corpo Torturador ao Corpo Torturado: Representações da Máquina Ditatorial na Literatura Brasileira (2018), até visitou Mbembe com Necropolítica (2018) e entre outros autores.

Corpos abjetos, neste caso LGBTQIAPN+, foram e ainda são tratados com violência pela máquina do Estado, que no período do golpe militar e sua instauração no poder promoveu ataques. Mas também, mesmo com a "democratização" do Brasil, ainda existe uma necropolítica às pessoas LGBTQIAPN+ configurando o Brasil como o país que mais mata pessoas desta comunidade no mundo, mesmo não havendo uma lei que ataque a comunidade e concessão de casamento igualitário[10].

A partir das duas bases teóricas, conduzem o trabalho para discussão sobre a prática educacional sobre a questão de gênero e

[10] Dados do Grupo Gay da Bahia (GGB).

sexualidade em país de violência política pelo poder. Nas fruições do trabalho versou com os trabalhos de hooks com Ensino a Transgredir: a Educação como prática de Liberdade (2013), Corazza com Para uma Filosofia Infernal na Educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins (2002) e para artistar a filosofia-educação: – Sem ensaio não há inspiração (2008), Louro (1997) Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista e entre outros autores.

Não visa trabalhar com gênero e sexualidade como trabalho antropológico, histórico, análise literária etc., mas um conjunto que dei vazão na educação e dela consiga promover aprimoramentos que possivelmente em breve deixaremos de ocupar o primeiro do *Ranking* do país que mais mata pessoas LGBTQIANP+ do planeta. Nos ambientes da obra Olho de Boto (2015) de Salomão Larêdo é um material aliado, mas também os teóricos aqui citados e novos que estão nas lutas que incluímos na pauta de educação revolucionária.

Em uma pesquisa cartográfica esta base teórica em movimento e repouso, pois novos platôs demarcam repensar que estudos é aconselhável para construir debates sociais que atravessam a cultura e educação, em especial no Baixo Tocantins, pois com nossos colaboradores com suas memórias e vivências e "arrastado" para mundo de Inacha-Cametá-Belém experimentando a cada dia a pesquisa em diversas dimensões aflora novas inquietações que demandam novos teóricos e até processo de finalização do texto.

Em continuidade estudo traçamos discussões acerca do termo *Curupiranha* e sua ligação a palavra *Queer,* quais tecemos arranjos e agenciamentos entre elas, não apenas para fins estéticos como palavra propõem, mas também se empresta o sentido utilizado, adaptação de uma composição a vozes ou instrumentos para os quais originalmente não havia sido escrita. Primeiramente explicaremos o sentido da Teoria *Queer* desde seu surgimento até os dias atuais, segundo momento a questão de traduzir ou não traduzir, em terceiro, uma insubordinação curupiranha com casal, o interiorano Inajacy e Inajá.

A teoria *Queer* não está atrelada apenas à sexualidade, mas também à identidade, em especial, à construção do gênero em nos-

sas sociedades, visto que traça diálogos dos estudos feministas da segunda onda, pois será um "corpo estranho" (Louro, 2004) na sociedade capitalista que institui as formas heterossexualidade em poder, segundo Miskolci (2012):

> Heterossexismo é a pressuposição de que todos são ou deveriam ser heterossexuais. Um exemplo de heterossexismo está nos materiais didáticos que mostram apenas casais formados por um homem e uma mulher. A heterossexualidade compulsória é a imposição como modelo dessas relações amorosas ou sexuais entre pessoas do sexo oposto. Ela se expressa, frequentemente, de forma indireta, por exemplo, por meio da disseminação escolar, mas também midiática, apenas nas imagens de casais heterossexuais. Isso relega à invisibilidade os casais formados por dois homens ou duas mulheres. A heteronormatividade é a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio da violência simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero. Em outras palavras, heterossexismo, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade são três coisas diferentes, conceitos importantes que nos auxiliam a compreender a hegemonia cultural hétero em diferentes dimensões. (Miskolci, 2012, p. 43-44).

Contra esta tríade se colocou e coloca a teoria, no entanto, um dos estudos fundadores dela é o livro - Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão de Identidade de 1990 de Judith Butler- afirmo como um dos sujeitos, por ser comum na sociedade brasileira científica de humanas, estudiosos da área colocara como fundadora, a estudiosa (o) no centro do capitalismo produz uma obra de grande impacto, no entanto, não a única.

Existem outros autores do mesmo período que tencionaram construir estudos que não buscassem reproduzir um discurso do movimento homossexual da década de 60.

> A teoria queer não foi criada por Judith Butler, mas sim aprimorada por suas abordagens teóricas em torno das identidades de gênero, cujos papéis "interpretados" se aproximariam de "modos performáticos". Butler ampliou a ressignificação do termo pejorativo queer. Qualificando-o como "confusão queer", para ela o antigo vocábulo "emerge como uma interpelação que pro-

> põe a questão do status de força e oposição, de estabilidade e variabilidade, dentro da ***performatividade***" (grifo da autora). É através da repetição reiterada que se pode transformar um significado, diz ela, porque a ação de repetir "ecoa ações anteriores acumula a força da autoridade através da repetição ou citação". Ora, aí está a importância do ato performativo: ele "redesenha e se sobrepõe às mesmas convenções constitutivas que o mobilizaram". (Trevisan, 2018, p. 525).

O autor Preciado (2014) suscita:

> A tecnologia social heteronormativa (esse conjunto de instituições tanto linguística como médicas ou domésticas que produzem constantemente corpos-homem e corpos-mulher) pode ser caracterizada como uma máquina de produção ontológica que funciona mediante a invocação performativa do sujeito como corpo sexuado. (Preciado, 2014, p. 28).

Diferentemente do que para cis-heteronormatividade que o gênero é algo estático e constituído, Butler (2003) em contribuição ao ramo de pesquisa, ele está em movimentação como cartografia deleuziana. Segundo a autora:

> Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora. (...). Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiro nem falso, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável (Butler, 2003, p. 195).

É de grande relevância mencionar os trabalhos foucaultianos, em destaque a coletânea da História da Sexualidade, para o surgimento posteriormente uma discussão profunda da sexualidade, mas ainda alinhada apenas ao sexo, a categoria homossexual e suas relações sociais. Como a sociedade lidava com essas manifestações, a Igreja condenava. Sobre o sexo, autor explicita:

> A desqualificação das relações entre indivíduos do mesmo sexo: o cristianismo as teria excluído rigorosamente, ao passo que a Grécia as teria exaltado – e Roma, aceito, - pelos menos entre homens (...), poder-se-ia acrescentar o alto valor moral e espiritual que o cristianismo, diferentemente da moral pagã, teria atribuído à abstinência, à castidade permanente e a virgindade (Foucault, 2006, p. 17).

A teoria *Queer* surge em período em que a identidade homossexual já existe e outras em formação, em não qualificado como pecado e combatido pela Igreja quando instrumentalizou o Estado para suas convicções. Trocou-se o algoz, dessa vez que realizava a patologização da homossexualidade (conhecido nos meios médicos como homossexualismo, o uso sufixo ismo para remeter à doença).

Em destaque para corpos fálicos, o qual esse membro é alçado ao posto de "superior" aos corpos com úteros e são dominados (Perrot, 2007). Mas um elemento que os une é o cu, este para corpos fálicos é sinal de fraqueza, utilizá-lo em substituição ou/e complementação do prazer. A partir dele, Pelúcio (2016) suscita discussão acerca das pretensões acadêmicas de postular a teoria *Queer* como parte de movimento social de lutas de ruas das pessoas LGBTQIAPN+, mas está presente em sua maioria nas academias.

No entanto, a discussão que permeia o texto de Pelúcio sobre o cu de Preciado tensiona sobre a própria postulação do termo *queer*, pois ele constitui da rua para a academia e não o contrário como ocorre no Brasil. A autora arrisca dizer uma teoria cu em diferenciação do termo anglófono.

> Quando falo em teoria cu, mais que uma tradução para o queer, talvez eu esteja querendo inventar uma tradição para nossos saberes de cucarachas. Tentativa de evidenciar nossa antropofagia, a partir da ênfase estrutural entre boca e ânus, entre ânus e produção marginal. Minha inspiração, claramente, vem de B[11]. Preciado, que devoro com prazer canibal. No posfácio à reedição do livro seminal de Guy Hocquenghem, El Deseo

[11] Foi suprimido o nome morto de Paul Preciado por se tratar de homem trans e a obra apresenta seu nome anterior feminino.

> Homosexual (2009 [1972]) ela retoma vigorosamente algumas das discussões já apresentadas no Manifesto Contra-sexual, que reproduzo a seguir: "Historicamente o ânus tem sido concebido como um órgão abjeto, nunca suficientemente limpo, jamais silencioso. Não é e nem pode ser politicamente correto (Pelúcio, 2016, p.127)

Regulamentar nossos cus ocorre há séculos desde a invasão europeia. Durante séculos, corpos dissidentes *(queer)* foram destruídos visando higienizar o mundo do pecado nefando. Além dos corpos de Inajá e Inajacy que estão presentes neste estudo, menciono outros dois: Tibira e Xica Manicongo. Quais foram julgados e destruídos no Brasil colônia?

O primeiro, tibira foi sujeito do povo Tupinambá que, por relatos dos invasores franceses em São Luís, no estado do Maranhão, no início do século XVI (1613), foi capturado, ao praticar sexo anal com invasores. O seu nome, segundo explicações Trevisan (2018): "Em 1577, o francês Jean de Léry relatava que, quando discutiam entre si, os índios brasileiros xingavam-se com o palavrão *tivira* (ou *tibirô*), que na língua tupi seria sinônimo de "viado" — e que literalmente significa "homem do traseiro roto" (Trevisan, 2018, p. 58).

Imagem 05 – Indígena Tibira



Fonte: https://www.hypeness.com.br/wp-content/uploads/2019/04/tupinamba.jpg
https://bioamigo.com.br/247-lgbt-queer-e-bioetica/

Outra percursora para atualmente designarmos curupiranha é a africana escravizada na Bahia no final do século XVI, Xica Manicongo, a primeira travesti registrada na história brasileira, andava pelas ruas de Salvador com suas roupas femininas, incomodando o Cis-tema[12]. Seu sobrenome, segundo Jesus (2019), "Manicongo era, originalmente, um título para governantes do Reino do Congo (Mwene Kongo, literalmente, Senhor do Congo), que foi transformado na corruptela que conhecemos pelos portugueses, para designar pessoas oriundas da região (Ou seria Xica uma rainha?)" (Jesus, 2019, p. 252).

Ela foi condenada pela Santa Inquisição Católica em 1591 em visita ao Brasil-colônia pela acusação de um português. Na cidade de Salvador, ordenou que trocassem os trajes por ditos "masculinos" e a própria recusou. Então, foi acionado o Tribunal que a violentou, obrigou a utilizar seu nome masculino morto e condenou o resto de sua vida a não deixar viver conforme a sua identidade de gênero como gostaria de manifestar.

Por que buscar esses dois sujeitos? Ser bizarro, esquisito, extravagante, incomum, excêntrico, viada, curupiranha… usualmente nesta sociedade em que habitamos, por anos nos fomos colocados à luz das discussões, só servíamos para alívio cômico, repulsa, fobia e entre outras formas de violência de diversas formas fomos atravessados. No entanto, como sujeitos de número maioritário, a população brasileira nos últimos dados de 2021 do IBGE é formada por negros (pretos e pardos) 56,01% e indígena 0,3%. Consequentemente, a população LGBTQIAPAN+ é racializada, num país que mais mata estes sujeitos e periferia do capitalismo na América Latina nos cabe numa teoria estrangeira?

Curupiranha não nasce na academia como *queer*, mas nasce nos versos repetitivos de Mc Pokaroupa em suas aparições ao público. Devemos nos importar pelas nossas lutas que vem da rua do que lutas importadas, pois a gênese da teoria surge da rua. Então, se é da academia que pulveriza a Teoria *queer* no Brasil, em alguma instância traímos a luta tornou-a um discurso mais acadêmico do que público médio brasileiro.

[12] Trocadilho com a palavra Sistema para fazer a alusão sistema cisgênero e heteronormativo utilizado pelos estudiosos/pesquisadores trans e travestis.

Pelúcio (2016) incita tensionar nas preposições que alguns estudiosos tomam os estudos *queer* como a única preocupação, fosse internacionalização acadêmica e não preocupar com as produções feitas nas ruas. Ruas onde corpos dissidentes andam com anseio de duas vidas, pois são aberrações satânicas para alguns. Instrumentalizam a religião para propagar violência e ódio.

Doravante, de modo algum abandonar os *Gender and Sexuality studies,* todavia é pensar nas particularidades da sociedade brasileira/amazônida em jogo de agenciamentos. Mas repensar que esfera internacional nos cabe este termo, mas também visitar o conceito presente no início do século XX, a Antropofagia! Cabe-nos devorar e regurgitar com nossas palavras (particularidades) e não sermos ecos (generalidades) de outrem.

> Na "antropofagia modernista", é o tupiniquim brasileiro quem come afinal o europeu em seu banquete antropofágico, ingerindo dele o que há de melhor em força, virtude, sabedoria, bravura etc., tornando-o, portanto, parte de sua carne (cultura), subvertendo-o seu modo e resultando diferente, talvez melhor ou superior a ele. Antropofagia não é motivo de vida: ela é a cadeia mesma das relações que mantêm as sociedades vivas; um "batismo purificador" de mergulho no passado tendo os olhos saltados para a arte futura, isto é, fazer do Brasil uma terra de encadeamentos profundos. (Costa, 2008, p. 60-61).

Nos encontros rotineiros entre os dois pesquisadores e conversando sobre uma artista, deparar-nos com um termo CURUPIRANHA, estranho e familiar, ousado e burlesco, estamos em letargia pela consumação do termo que contribui a pesquisa, pois não está apenas estranho no corpo, mas palavra. Portanto, curupiranha que apareceu desde o início do texto e deixou pista de que era esse neologismo para corpos dissidentes, não apenas a não-binaridade, mas formulações de corpos masculinos e femininos em desacordo com as normas sociais. A Teoria *Queer* é questionada não por sua validade, no entanto, com novos corpos dissidentes que projetam seu dictério, curupiranha é o dictério nesta pesquisa quando tratamos pelo deboche, satírica e pelo cu de questões de gênero e sexualidade perante a sociedade cis-heteronormativa. A estranheza

do gênero é proferida por Mc Pokaroupas[13]:

> Eles não tão entendo 2x
> se sou homem ou mulher,
> o que diabo que tu é? 2x
> Curupiranha, curipiranha, curupiranha, curupiranha
> A viada da Amazônia
> (Pokaroupas, 2021, p. 1).

Como em uma catarse, fomos arremessados para esses versos repetitivos, rebeldes e feitos à paraense (uso do ritmo musical TecnoBrega[14]). Será que achamos o termo substituto de *queer?* De fato, não é uma substituição, mas uma provocação de questionar o que é Curupiranha? A palavra é neologismo, como afirmam Sena e Borges (2021).

> Neologismo que une a palavra curupira e piranha. Curupira, palavra de origem tupi, se refere a um ser mítico da floresta, protetor das matas e que tem os pés virados para trás. E piranha é uma metáfora para pessoas que tem uma vida sexual livre, desprendida de valores monogâmicos. (Sena; Borges, 2021, p. 17).

Não é uma teoria e muito menos a negação da Teoria *Queer*, mas um processo subversivo, um dictério uma insubordinação ao sistema cis-heteronormativo em agenciamento que se configura em aproveitar tudo que contribua para o processo de conhecimento de gênero e sexualidade fornecido pelo norte global e adicionado pelo norte do Brasil com suas particularidades desde a época da invasão franco-lusitana na Amazônia. Sena (2020) levanta essa pauta:

> Sem pretensão alguma de desconsiderar os importantes contributos do movimento Queer ocidental/global para as demandas

[13] Mc Pokaroupas é uma *Drag Queen* de Everson Borges, que se considera uma pessoa não-binarie e afroindígena.

[14] O ritmo tecnobrega, uma mistura de músicas regionais do Pará e caribenhos como lambada, carimbó, cumbia e calypso com a música da EDM (*Electronic Dance Music*). Os artistas paraenses visavam baratear os custos de produção musical. Surgido no final dos anos 90, Tonny Brasil é creditado como seu criador, bem como há variação para seu nome como Tecnomelody ou simplesmente melody.

> locais, pretendo sim reforçar esse lugar político, só que a partir do repertório que faça sentido para nós e nos ajude nas nossas lutas. Não lembro de qualquer pessoa nas minhas trajetórias sociais e sexuais pela Amazônia. Atlântica terem usado tal termo para identificar ou ofender alguém. O termo não faz sentido para nós amazônidas desta porção atlântica. Concordando com a observação de Bento (2017, p.257), sobre a importância dos nomes, faço minhas as palavras de Malene Mayar, por ela citada: "as palavras me constituem, por isso não posso ser queer". Se o Queer é uma injúria e por isso seu efeito é forte quando usado subversivamente no contexto anglófono, então acho mais produtivo o uso de outros modos de nomear como estudos transviados (BENTO, 2017), teorias Cu (PELÚCIO, 2016), ou ainda, curupiranhas, para enfatizar uma experiência local. (Sena, 2020, p. 71-72)

Nesse insurgente ao heteronormativo, o termo satírico curupiranha nascida entre as cidades de Capanema e Bragança região do Caeté, dialoga com outras partes da Amazônia, como Cametá, a qual é do Baixo Tocantins, pois está mais próximo do que o termo *queer,* quando remete ao conceito de estranho. Uma imagem antropofágica simbólica de nascimento do Dictério Curupiranha remete o conceito e é cristalizada pela artista virtual paraense Leona Vingativa (1997-atual).

Imagem 06 – Recriação Amazônida de Nascimento de Vênus



Fonte: https://www.oliberal.com/image/contentid/policy:1.220609:1576080738/Leona-Vingativa.jpg?f=16x9&q=1.0&w=700&pfqw=a04b41e

O curioso desta figura de recriação do nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli (1445-1510), poderia muito bem nomear o nascimento da Curupiranha. Símbolos como Irupé (renascimento do amor e adoração ao lunar pelo mito indígena), A garça (pássaro que ganhou conotação de namoradeira[15]), o rio ou igarapé é algo presente para as amazônidas, são elementos que Leona neste ensaio provoca/convoca como noção de gênero e sexualidade e que, de alguma forma, está em debates pelos corpos com melanina, um encontro na porção oriental da Amazônia de povos indígenas e africanos, ambos em situação de escravização pelos europeus num passado não muito distante.

Movimentos raciais no Brasil (especialmente negro) centro-sulista entendem a miscigenação como processo de apagamento, isto é verdade quando esse encontro é realizado entre pessoas brancas e racializadas, contudo, o encontro de pessoas racializadas pode ser celebrado como mestiço. Como Mc Pokaroupas se autoafirma afroindígena.

Imagem 07 – Encontro de Cardoso com Mc Pokaroupas no bairro do Jurunas - Belém em 10/12/2022



Fonte: Ramiro Cardoso (2022)

> Caboka indígena, Caboka negra, periférica, em diferentes colorismos e pertenças, curupiranha é uma produção epistêmi-

[15] Após a canção de carimbó de notoriedade *no meio do pitiú* da cantora e compositora Dona Onete em 2016, construiu-se a imagem da garça como simbologia namoradeira para pessoas que têm um livre sexual/ amorosamente.

> ca que nasce da experiência das bichas racializadas da porção Atlântica da Amazônia. Termo êmico criado pela artista local MC Pokaroupas, curupiranha nasce como mais uma rasura nos modos coloniais de nomear nossos corpos dissidentes, não apenas no gênero, sexualidade, raça/etnia e classe, mas no território. (Sena; Borges, 2021, p. 17).

Somos encontros de raças que nos fortalecem, curupiranhas que combatem o sistema tradicional e nossos corpos (cu)rupiranhizamos, tal controle este *vai à merda* (Preciado, 2014). Tensionamos espaços e reconstruímos nosso fazer de gênero, sexualidade. Em nossos encontros desde setembro de 2021 em Capanema com a artista, *mundiamos*[16] os espaços e desterritorializamos a heteronormatividade e reterritorializamos pelas multiplicidades das filhas das matas. Povo afroindígena desterretoriza, em especial, aqueles LGBTQIAPN+.

> É por isso, também, que decidimos não respeitar a convenção ortográfica e grafar 'afroindígena' em lugar de 'afro-indígena'... Ao mesmo tempo, sugere que os campos disciplinares especializados no tratamento de cada um dos termos separados pelo hífen teriam muito o que aprender com isso (Goldman, 2014, p. 220).

Com olhos atentos, ao percebermos o casamento de Inacha deparamos com um homem de traços indígenas (Inajá) e africanos (Inajacy). Curupiranha questiona nossos atravessamentos por raças. Então, estipular padrões monorraciais e que mestiçagem só tem efeito quando homem branco participa é um viés eurocêntrico, diversos povos se encontram nos espaços que hoje chamamos Amazônia e por anos tiveram contatos. No entanto, esse processo foi deixado de lado.

> Nesse sentido, não é exagerado afirmar que o encontro entre "afros" e "indígenas" nas Américas é o resultado do maior processo de desterritorialização e reterritorialização da história da humanidade. Por isso, não deixa de ser curioso e espantoso que tenha recebido tão pouca atenção — e isso de dois modos complementares. (Goldman, 2014, p. 215)

[16] Mundiar em variação linguística no interior significa enfeitiçado.

Curupiranha é atravessada pelas multiplicidades de raça, gênero, sexualidade, performance, lugar de origem e entre outras particularidades. Olhamos para nossos arredores e cada caminho que abrimos dentro do CIS-tema heteronormativo. Desde a invasão, tentaram nos colocar de subalternos, somos um pouco mais do que *queer,* uma sátira ao sistema atual: Curupiranha em agenciamentos com a Teoria *Queer*.

Em luta, estávamos construindo com sangue de africanos e nativos permeados pelos cultos ancestrais, tupã e orixás, que nos permitem até hoje construir nossas relações maquínicas. Portanto, Inajacy e Inajá são curupiranhas que nos antecederam e continuaremos dando vazão a essa força interiorana. Curupiranha é tudo isso, contra os valores advindos dos invasores, é contra a norma, as imposições coloniais, imperialistas e capitalistas. O pesquisador nas linhas deste texto pretende curupiranhizar andando de pés virados ao sistema tradicional cada vez que visitar *Olho de Boto* (2015) e a Comunidade Inacha. Curupiranhizar é ser satírico ao heteronormativo que regulamenta a educação e a cultura.

Quando aponta para o casamento de Inacha naquele lugar interiorano esquecido pela ditadura cívico-militar e renegado até pela religião como uma personagem, Laurilene demonstra uma obsessão por Virgem Maria: “Como a virgem santíssima iria aparecer naquele povoado de mães solteiras, de lésbicas, travecos, de metro, de bi, de marré de si, de homossexuais, gente depravada, menor infrator aos montes” (Larêdo, 2015, p. 30). Um lugar onde a heteronormatividade e o patriarcado desprezam na versão literária e nos relatos dos colaboradores um casamento comentado pelos naturais, que apenas aceitam que esse movimento ocorreu lá.

Os estudos das memórias/literatura/matéria jornalística, possibilitou realocar Inajacy e Inajá não como simples sujeitos de um casamento *gay* ficcionalizado, mas uma potência de luta, que se faz diariamente por avenidas, ruas, vielas, becos, baixadas, rios, igarapés, furos, picos, veredas, estradas que conectam o Baixo Tocantins com outras partes da Amazônia e o Brasil.

HAXIXE ARNICOSO

FLORAÇÃO DAS FABULAÇÕES

Ao iniciar este enxerto do livro, retorna-se ao título desta pesquisa CASAMENTO HOMOAFETIVO DE INACHA DE 1967, EM ANOS DE CHUMBO: Uma cartografia das sexualidades dissidentes nas tramas políticas, literárias e educacionais . Nos primeiros rascunhos da escrita, deu-se ênfase ao termo *consortes*, quase em desuso na língua portuguesa, para expressar cônjuge, marido, esposa e afins. Para fins acadêmicos, neste trabalho final optou-se pelo novo título, pois é uma relação das dissidências de gênero e sexualidade em discussão no campo educacional no município de Cametá–PA.

Assim, o enfoque é apresentar uma abordagem cartográfica percorrendo o livro Olho de Boto (2015) de Salomão Larêdo, relatos dos colaboradores e reportagem jornalística publicada à época em 1967, reverberou em um trabalho que toque e tensione o campo educacional-cultural.

Além disso, há bastante discrepância entre narrativa literária ficcional e as memórias dos fatos, contudo, neste estudo não tem em vista construir uma verdade única ou qual dos dois são verdadeiros, mas construir possibilidades de conhecer e debater a trama homoafetiva do casal de Inacha, nome recorrente nesta pesquisa para o episódio. Portanto, o livro, nas suas primeiras páginas, traz logo a notícia de um jornal:

> Diretor: Clovis Maranhão
>
> Gerente: João Maranhão
>
> Belém/Pará - Quinta-Feira 28 de dezembro de 1967
>
> *Dois Homens se Casam, em Cametá*
>
> Num povoado distante cerca de 11 quilômetros da cidade de Cametá, consorciaram-se, domingo último dia 24 do corrente dois homens. Um deles, segundo soubemos, era "encantado" e somente se casando com o homem que gostasse é que quebraria o "encanto", voltando a ser uma mulher. (Larêdo, 2015, p.4).

Esse jornal[17] da época conduziu Larêdo a construir sua narrativa ficcional acerca dos "noivos". Cada fonte construiu seu enredo. Perguntei à Dona Gengibre sobre ofício de Inajacy: "ele era professor da comunidade, ele era médium, agricultor e cozinheiro" (Dona Gengibre, 28 de fevereiro de 2023), esta última profissão deu continuidade na cidade Belém, especificamente no bairro da Guanabara até o falecimento dele em 2020.

No convívio com Dona Gengibre, esta mostra-se inquieta por acreditar que suas memórias têm valor menor por não ser nascida em Inacha.

A obra Olho de Boto teve sua primeira edição publicada em 2015. O autor, Salomão Larêdo (1949-presente), é escritor, poeta, advogado e jornalista que nasceu na Vila do Carmo, no município de Cametá. É recorrente suas obras serem inspiradas em fatos de Cametá e folclore amazônico para a construção de sua escrita ficcional.

O livro não tem um enredo linear, há diversas estórias adjacentes, no entanto, o enfoque é sobre o matrimônio entre dois homens que desestabiliza aquela comunidade de roceiros e como um rizoma pulveriza para outros lugares, pois não centraliza no espaço da comunidade de Inacha. Por consequência, na literatura, o casamento entre dois homens rurais amazônidas é um evento internacional e Inacha o centro das atenções do mundo.

Os narradores-colaboradores deste texto compõem a sua polifonia, mas devido ao tema sexualidade ser "novo" em pesquisas acadêmicas, especialmente no interior da Amazônia, houve baixa adesão, optando-se por ampliar para a escuta de pessoas acima dos 40 anos.

Quando registramos palavra novo, não é na denotação de prática atual, mas torna-se algo peculiar em pesquisa acadêmica, pois práticas sexuais não cis-heterossexuais existem há milênios. Ouvimos de uma tia de um dos pesquisadores: "*engraçado, agora pesquisam gays!"*. Logo, a mulher indignada demonstra que esse assunto para pessoas mais velhas é delicado.

[17] Após muito tempo de busca, foi constatado que o jornal se encontra na Biblioteca Pública Arthur Viana na cidade de Belém e pode ser consultada a notícia. Ela estampa o editorial do 29 de dezembro de 1967.

Nas entrevistas semiestruturadas, buscou-se o lugar de ouvinte que articulou perguntas ao longo do que era relatado. Cada pessoa demonstrou sua forma de comunicar, alguns preferiam o silêncio, outros negaram por questões de preconceito. Mas 3 (três) pessoas manifestaram interesse em contribuir positivamente entre as 7 (sete) que foram abordadas. Destaco Dona Gengibre, que conheceu um dos noivos.

Ao complementar o romance, memórias de nossos cúmplices trouxeram a matéria jornalística que abriu este capítulo. Para além de informar acerca do casamento de dois homens, traz mensagem de um Brasil adoecido por uma ditadura cívico-militar que expressa a mensagem em tom conservador disfarçado de texto imparcial.

Na trama laredeana que começa com a notícia de jornal do casamento entre dois homens, a narrativa é fragmentada em 15 capítulos que fazem alusão à crucificação de Cristo, estabelecendo uma conexão sadista do Estado contra aqueles que são insurgentes às normas.

Vale ressaltar que a *Via-crúcis*[18] é uma celebração de origem da Igreja Católica e a mesma por séculos foi algoz de pessoas LGBTQIAPN+, um deboche e sarcasmo a tal. O livro do escritor cametaense opta pelo termo *Via, Cruzes!* A expressão é usada como espanto de forma satírica.

Durante todos os 15 capítulos, ela é ressaltada para aquele ambiente provinciano monitorado pela ditadura cívico-militar recém-instalada no Brasil. O senhor Samambaia explicou sobre essa guarnição dos eventos: "*O prefeito, Manoel Veiga e mais o M.*[19] *Que era o coletor* [alguém ligado ao poder central]*, eles iam para lá* [Casamento em Inacha] *e mais delegado de polícia também...*" (Senhor Samambaia, setembro de 2023).

A primeira *Via, Cruzes!* Intitulada de julgamento semelhante à bíblica, quando Jesus Cristo é condenado a morte, o autor faz descrição da população local: "A comunidade - índios, caboclos, roceiros, ribeirinhos, negros, remeiros, lavradores -, reunida no meio do campo de futebol observa, quieta, muda, medrosa, sem voz, sem vez, pasma!" (Larêdo, 2015, p.15).

[18] *Via-crúcis* é caminho da cruz, tradução livre do latim.

[19] Foram abreviados nomes de terceiros emitidos pelos colaboradores.

Sujeito dos suplícios é a noiva, ela/ele é o indivíduo de toda desestabilização daquele lugar, um representante da classe alta de Inacha que está alinhado a Cametá chamado Ponciano na versão literária. Como no texto bíblico, Pôncio Pilatos se ausenta de julgar Jesus e o mesmo ocorre com o personagem literário e o próprio indaga o povo sobre o mal que ele (Inajacy) fez e o trecho apresenta: "A turba gritava com mais força: É *luziário! Luziário*[20]*!"* (Larêdo, 2015, p. 16). A população se dividia em quem afirmava ser um homem e outros diziam ser mulher, independente do gênero que reconheceu, Inajacy estava no calvário, "A turba exigia ao crime castigo!" (Larêdo, 2015, p. 16).

Ainda no primeiro capítulo, há descrição acerca de Inajacy como afirma o autor: "Inajacy, mestiço cametaense, perfuma-se com priprioca, patchuli e outras folhagens que cultiva pra esse fim" (Larêdo, 2015, p. 20). Por conseguinte, assemelha-se à imagem registrada naquele momento.

O amor entre os dois sofria adversidades, pois moravam distantes um do outro, como afirma o Dona Gengibre (Fevereiro, 2023):

> **Dona Gengibre:** Se bem que eles se encontravam de noite. Se reunia muita gente para lá, pra ver isso lá.
>
> **PESQUISADORES:** Então não era uma coisa só escondida.
>
> **Dona Gengibre:** Não! Iam as pessoas para lá. Aí só que tinha um senhor, Tio P. com a Tia M. C., que falavam, que eles dois eram cúmplices deles. Eles dois eram cúmplices deles. E aí, eles que faziam nessa casa/ nessa casa de T. P. que encontravam lá.
>
> **PESQUISADORES**: Para namorar?
>
> **Dona Gengibre**: Namorar!
>
> (Dona Gengibre, fevereiro, 2023).

A liga das senhoras é o peso da cruz sobre o ombro de Inajacy aludindo a versão católica, porém na segunda *Via, cruzes!* O peso social (a Cruz) não é infligido para a noiva carregar, é lhe imposto um processo de patologização e examinada por um médico, como a obra cita:

[20] Será melhor desenvolvido mais adiante no texto.

> **Do correspondente e enviado especial** - O médico começa o ritual do exame para verificar se realmente procede a acusação de que se trata de menor de idade, homem ou mulher, se já houve defloramento, se está intacto, se houve conjunção carnal, se houve algum tipo de penetração anal ou vaginal, dependendo do caso homem ou mulher, neste caso, se é mulher, pois o acusado ou acusada está vestido ou como querem que se diga, transvestido de mulher e se diz mulher e que se sente mulher, e se não for vai pegar mais com ele. (Larêdo, 2015, p. 33, grifo do autor).

Nota-se nesse trecho que há interdição do Inajacy e o modelo binário de gênero (Homem-pênis e Mulher-vagina), que se ele infringiu será castigado. O médico joga as luvas da noiva e comenta: "*Lá vai um enfeite de veado*" (Larêdo, 2015, p. 33) pela janela para os devaneios celestiais cruéis, como animais famintos e aos poucos devorarem. Um detalhe notável é os seios feitos de bolas pequenas de borracha, Larêdo (2015) e remete um ditado popular proferido por Dona Gengibre no nosso primeiro encontro "*Inacha, paca*[21] *de lata e peito de borracha*" (Dona Gengibre, novembro de 2022) como forma de ataque à Inacha ou mesmo a Cametá como o Senhor Samambaia afirma "*Começa o pessoal de Abaetetuba começava a xingar o pessoal de Cametá: Não como lá, bando de veados, por aqui e por acolá, tudo bem...*" (Senhor Samambaia, setembro de 2023). Estas frases têm o intuito de depreciar os corpos que fogem do binarismo de gênero. A narrativa demonstra a simpatia de Inajacy para atrair Inajá, que a noiva fala.

A violência contra o corpo como ditador proferida por Dona Gengibre é um apagamento do genital. Essa frase aponta em três pontos: desumanização do corpo; sexo cristão; binarismo genital. O corpo de Inajacy torna-se objeto público, violência média.

Um corpo é levado às forças para uma instituição de saúde porque sua roupa não condiz. Ele é tratado como objeto semelhante às pessoas escravizadas, não acaso ele é uma pessoa negra. Corpo dissidente, mas seria uma pessoa não-binarie? Essa dúvida surgiu.

[21] Paca é termo interiorano em desuso que significa vagina, bem como animal mamífero.

Na versão laredeana e da reportagem, seria uma transformação em uma mulher conforme o modelo cisgênero. No entanto, entre conversas a caminho pela horta, afirmou que Inajacy identificou sempre como homem, mas na transformação em noiva atendia apenas dois objetivos, que era seu matrimônio modesto e para fins religiosos.

Um corpo abjeto, sem humanidade, sem genital, como se para existir deveria ter um genital, e seu apagamento é obra da cis-heteronormatividade. Se aquele corpo com vestido de noiva não atende modelo cristão cisgênero, interdita, enlata para pejorativo. Se o corpo não exerce a procriação é demonizado. Esse texto não visa atacar o cristianismo religioso, mas o cristianismo social que utiliza a política como ferramenta de destruição do diferente.

Quando Inajacy desestrutura a norma da cisgeneridade e construção social do gênero, o poder público tenta realizar um deboche, porém a situação aumenta para lixamento público, pois para o modelo binário de gênero tradicional sacudi-lo é perigoso. Pois existe todo um aparato estatal de carnificina. Segundo essa afirmação, Louro (1997) explicita:

> O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem "científica", a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender — e justificar — a desigualdade social. (Louro, 1997, p. 20-21)

A noiva sacudiu a sociedade e exibiu sua vestimenta como demonstração do seu grande amor por Inajá. No entanto, era apegada à fé cristã na versão literária.

> "No dia 13 Junho, pegue um pedaço de linha branca e amarre os pés de uma imagem de Santo Antônio. Depois disso, acenda uma vela para o seu Anjo da Guarda. Quando a vela apagar, desamarre os pés do Santo Antônio; com essa linha, costure qualquer parte da roupa do homem que você deseja segurar para sempre na sua vida. (Larêdo, 2015, p. 49).

O singular dessa passagem é que faz uma conexão com Dona Gengibre, que, questionada acerca da data do casamento, afirmou que foi na festa. "*Parece que o casamento aconteceu, foi no dia.... no dia. 28... 28 de junho... Festa Junina*". (Dona Gengibre, fevereiro de 2023). Diferente de qualquer outra fonte, as quais afirmaram ser em dezembro, Dona Gengibre afirmou ser nesta data com convicção, por questões respaldar sua identidade de Inajacy existia na sua identidade além-livro uma conexão com o Santo Antônio.

No capítulo três da obra, a noiva desmaia em alusão à primeira queda de Jesus Cristo do texto bíblico "Envergonhada, a noiva tem um desmaio, e a turba vai" (Larêdo, 2015, p. 51). Não somente, ainda neste ponto, as relações com os santos católicos continuam como nestas linhas: "Até parecia procissão de São Benedito, tamanha a quantidade de curiosos. A cidade inteira nas ruas querendo ver o casal de noivos, os dois homens" (Larêdo, 2015, p. 68).

No próximo capítulo do livro, a noiva vê sua mãe no meio da multidão como no texto religioso e relata um de nossos narradores. A mãe tratou com naturalidade, não apenas ela, mas toda a família de Inajacy como demonstrado na entrevista/convivência com Dona Gengibre. Assim como o livro alude os sofrimentos da mãe de Cristo, uma brincante de carnaval do Cordão da Bicharada do Juaba[22], a onça, narra:

> - Te acalma, minha mana, aguenta as pontas, este pequeno será causa da queda de muita gente e de muitas mudanças pelas quais o mundo vai precisar passar para que o homem se entenda e se respeite, trate a si e aos outros, principalmente a mulher, com respeito e admiração. Ele é sinal de contradição. Um facão amolado, grande e pesado, vai atravessar teu corpo e tua alma e desse um também. Através dele tudo será revelado. Te segura! (Larêdo, 2015, p. 69).

Como um anjo, vem anunciar as mudanças que poderiam que esta sociedade (Ama)zônica[23] a partir deste casamento que deses-

[22] Bloco de Carnaval da vila de Juaba do Município de Cametá que invade a cidade com os brincantes vestidos animais da fauna Amazônica com intuito de conscientizar a população sobre o desmatamento e extinção dos animais locais.
[23] Essa palavra com duplo significado, foi retirada do texto literário para além de fins estéticos tem conotação de uma sociedade que ama dentro da Amazônia

truturaram o modelo cis-heteronormativo cristão branco. Coincidência a parte, tanto o filho do Deus do oriente médio e o homossexual de vestido levaram anos para começar discussões acerca da sua importância. Escassas produções existem acerca do casal.

Na quinta estação, o noivo ajuda a noiva a caminhar como Simão de Cirene ajuda Cristo. Simão era um homem africano e Inajá um homem de fenótipos indígenas, aludi para qual sociedades de diferentes etnias: indígenas e africanos são irmãos de lutas contra os invasores europeus, no entanto, isso não anula possíveis conflitos, contudo uma marca da sociedade da Amazônia Oriental é pessoas afroindígenas, qual um apoia o outro para lutar contra tranqueiras sociais do colonialismo.

Na sexta estação, a intertextualidade da personagem Verônica, que em ambas as versões enxuga o rosto e fica gravado. Como um abraço feminista que apoia as causas LGBTQIAPN+ para demonstrar apoio e caminhar juntos. Quando discutimos a Teoria *Queer,* encontramos um diálogo com o poder feminino que irradia em cima dos marginalizados.

> **Do correspondente e enviado especial -** Uma mulher do povo que assistia à passagem de Inajacy e de seu noivo se comoveu ao ver a cena e decide acariciar o rosto da suspeita quase indicada. Para espanto da turma, o retrato de Inajacy fica gravado na toalha que a mulher usa. (Larêdo, 2015 p. 109, grifo do autor)

Na próxima estação, a sétima, a noiva cai novamente como cristo na crucificação e um enxerto peculiar se destaca acima dos outros. “O noivo batia boca com alguns da turba que insistiam em chamar a noiva Luziário” (Larêdo, 2015, p. 117). Na versão literária, o autor segue uma noção de pessoa em rompimento com binarismo de gênero que não seria luziário (homossexual masculino), mas uma identidade feminina que naquele momento específico não era o homem Inajacy que estava em cena, mas alguém além, uma (trans)formação curupiranha, qual fugia do termo ofensivo luziário.

---

para além dos modelos heteronormativos.

Na oitava estação, na versão bíblica, Jesus consola todas as filhas de Jerusalém, e Inajacy proferiu seu consolo às outras bichas que ali estavam, logo vendo umas delas sofrer para abre-alas na luta contra LGBTQIAPN+fobia que era estrutural naquele ambiente: "*Bichas de Cametá e de toda parte. Uni-vos! Vai raiar o dia em que seremos compreendidas, poderemos viver sem ter que enfrentar problemas desse tipo. Estaremos livres do preconceito e da discriminação…"* (Larêdo, 2015, p. 123, grifo do autor). Este trecho entra em diálogo com a memória de Dona Gengibre após encontrar Inajacy e uma conversa informal, como explicitado anteriormente. A noiva lembra a violência e contextualiza com os dias atuais que teriam leis para defendê-lo.

Na seguinte estação, a noiva em queda pela terceira vez, os personagens sentem sofrimentos que lhe investidos em seus corpos, numa sociedade viciado em sadismo, que violência é naturalizada, a Amazônia este ambiente depois da invasão europeia, um ambiente que não vivemos em paz, na obra, a personagem a Antonia Cu de Facho (2006) proferiu a seguinte frase *"Queremos viver em paz em nossa terra"* (Larêdo, 2006, p. 145, grifo do autor).

Na décima estação, a logística cristã na primeira versão Jesus tem suas vestes despojadas, ocorrer igualmente com Inajacy, uma interdição aos corpos dissidentes, corpos curupiranhizados que destoam da norma "Caminhando por entre lama e pedra e aqui e ali puxada, o vestido foi se descosturando, se esgarçando e a noiva, quase, seguia o trajeto." (Larêdo, 2015, p. 153).

O objetivo é humilhação, retirar a humanidade de ambos, porém com contornos diferentes, enquanto filho do Deus Cristão, torna-se símbolo de resistência, Inajacy é dilacerado pelo populacho que por força reproduz o binarismo com órgão genital. Novamente, Antônia socorre a noiva na versão literária. O corpo que foge das normas de binarismo é interditado, violentado pelo estado como um processo de ataque, o ver como um corpo infernal (Corazza, 2002).

A estação subsequente levou à delegacia, sua crucificação, naquela época, anos 60, a delegacia da cidade ficava no mesmo prédio da Prefeitura Municipal para interrogatório, no andar de baixo funcionou averiguação, de cima era poder executivo que ditava

regra naquele ambiente provinciano em apoio a ditadura militar. Segundo um *blog* de fotos antigas de Cametá, há registro da prefeitura/Delegacia de 1965, como atesta a imagem

Imagem 08 – Foto da antiga Cametá na década de 60, o prédio da Delegacia e Prefeitura



Fonte: Luís Perez[24]

Na estação seguinte, continuam os noivos presos nesse prédio, pois a situação estava incontrolável para o poder local, que sob premissa de defender os "bons costumes" os mantiveram em seu poder. Diferente de Jesus, eles não morrem no sentido físico, mas simbólico, pois estão em exposição e humilhação pública e, ao mesmo tempo, suas vidas são submetidas ao apagamento da sociedade cametaense.

[24] Disponível em: http://luisperescameta.blogspot.com/p/museu-de-fotos.html.

Na décima terceira, com ajuda de Antônia Cu de Facho, eles são soltos, ela a luz divina ou infernal que os liberta. Pois como era mulher influente que sabiam das relações dos homens oligárquicos com suas meninas de seu bordel, que ficava quase paralelamente com a rua da prefeitura, como explicita Larêdo (2015) "A ativista Antonia Cu de Facho e dona do bordel denominado Vila Japiim não sossegou enquanto não envolveu um rábula que conseguiu soltar os noivos. Antonia levou os noivos para a Vila e lá estava preparado um senhor banquete" (Larêdo, 2015, p. 197). Como José de Arimateia, que desceu o corpo de Cristo com preparativos fúnebres, mas no caso seriam a festa de grande proporção em apoio ao casal.

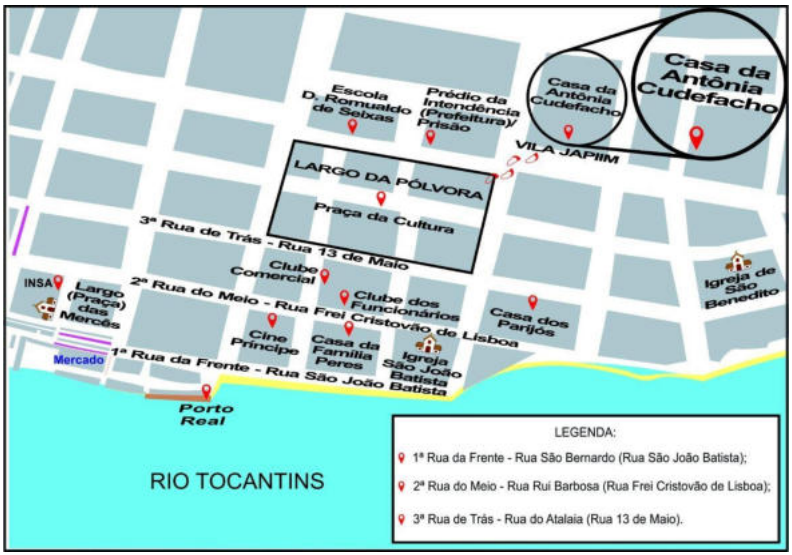
Na estação posterior, os noivos dançam valsa e tudo caminhava muito bem para a comemoração e ficou lotada. Cristo foi sepultado, mas na festa dos noivos foi reprimida a heteronormatividade cristã, porém com apoio das sujeitas infernais não cancelaram a festa, em preparação para casar-se.

Na décima quinta e última estação, os noivos se casam e vivem felizes. No entanto, na última tentativa de o Estado agir na obra para prender os dois rapazes, não apenas eles, mas também Antonia e suas meninas, a prostituta devolve um contragolpe que o desarticula.

> Antonia Cu de Facho, incorporando Sibele Mendes de Amor e Luta, resolveu comemorar o casamento em que quebrava a crista daquela sociedade. Suas meninas da Vila Japiim fizeram bolo de metro em toda a extensão da rua Geremias Rodrigues. A polícia melou a festa e encheu o xadrez de gente, mas teve que imediatamente soltar todos porque Antonia começou a contar os podres de cada membro do Politburo, ou seja, dos pica-grossas, manda-chuvas, autoridades civis, militares, eclesiásticas, políticas, médicas, policiais, etc. (Larêdo, 2015, p. 269).

Na versão literária, a comemoração definitiva do casamento ocorreu na cidade de Cametá, em especial na Rua Jeremias Rodrigues.

Imagem 09 – Mapa da cidade Cametá nos anos 50



Fonte: Neves (2018)

Na versão memorial dos interlocutores, construiu outra narrativa, cujo casamento ocorreu em volta de um poço artesiano em sessão de Umbanda/Pajelança[25] para desencantar um ser sobrenatural, uma Uiara. Os dois, Inajacy e Inajá, não cresceram na comunidade de Inacha. O primeiro foi criado adotivamente por uma família na cidade de Cametá para prosseguir nos seus estudos em um colégio tradicional da época e o outro era agricultor de uma comunidade vizinha a Inacha chamada Carapina. A vinda de Inajacy à Inacha foi sobre um pretexto religioso, os colaboradores afirmaram que ele era médium, Dona Gengibre:

> É. Aí, disque[26], ia para lá. Disque, já/ esse.. esse rapaz, tipo, incorporava uma coisa nele. Se embalava, se embalava, se jogava no chão e aí tinha de buscar essa/ levar nesse poço. Aí ela estava encantada lá pra ir lá com ele. Aí nesse coiso que eu não sei. Se ele ia para poço junto com ela ou se ela saía de lá para curar ele. (Dona Gengibre, Fevereiro De 2023).

[25] O tema será mais bem explorado em uma seção própria no decorrer da seção.
[26] A conotação da palavra disque neste relato é no sentido de provavelmente.

Pelas informações dos interlocutores a mudança do Inajacy foi por questão religiosa em conexão com esse poço encantado, onde morava uma Uiara, diferente da Iara/Uiara tradicional que é uma mulher metade peixe e mulher, ela devora os homens que sucumbe ao encanto os levando para fundo do rio. Esta entidade promovia o bem para a comunidade.

No entanto, a Uiara era uma entidade ou guia espiritual que, segundo Dona Gengibre, ofereceria benefício à comunidade de Inacha e para ela desencantar só quando Inajacy se casasse com o Inajá, o qual se aproximou da noiva primeiramente pelo viés religioso e os dois logos entregaram em laço de amor. Os dois atuavam como líderes religiosos. Inajacy era o médium e Inajá o cambone,[27] os dois atuavam com frequência na comunidade, onde no poço, segundo dona Gengibre, era "aquelas bancadas que fazem de macumba" (Dona Gengibre, fevereiro de 2023).

As memórias dos colaboradores acerca do casamento demonstram que era celebração para desencantar, a Uiara, ela era uma princesa que viria de outro mundo para aliviar a humanidade das enfermidades. Portanto, Inajá deveria casar-se com Inajacy que estaria montada de noiva, desencantando a moça que estaria no fundo do poço. Somente com a união entre dois homens é que ela subiria de dentro do poço.

Devido aos seus trabalhos religiosos e medicinais com ervas na comunidade, a questão da homossexualidade deles não era vista como algo incômodo, já que Inajá morava em outra comunidade e passava alguns dias sobre o teto da família com o amado.

Porém, eles não demonstraram publicamente afetos, como afirma Dona Gengibre. "Olha, até porque eles faziam tudo escondido antigamente. Não é como agora, qualquer coisa todo mundo já sabe." (Dona Gengibre, fevereiro de 2023). Mas, segundo a colaboradora, as pessoas em grande maioria sabiam de envolvimento amoroso entre os dois. Até os dias atuais, afetos entre homens não são naturalizados, especialmente em lugares rurais, onde os homens são reforçados modelos viris.

[27] Ajudante do médium na realização de sessão de Umbanda/Pajelança.

Mas nessa frase acima, Dona Gengibre, revela outra face de todos, sabendo que timidamente há casais que desafiam a heteronormatividade. Desafiam como os noivos de Inacha que construíram um casamento que era religioso, mas não tradicional da Igreja Cristã, um que fugiu das normas, além de ser duas pessoas do mesmo sexo, celebrado em culto afroindígena e de forma simples fizeram a celebração. "*Foi só uma cerimoniazinha. Diziam que ia se casar, mas nisso foram desmascarados pelo…. Tem amigo meu que sabe até o nome deles, o pessoal que fizeram, que bateram. As crianças eram proibidas ir lá ver. Esse meu amigo foi lá e de perto… e viu.* " (Dona Gengibre, fevereiro de 2023).

Nas falas do senhor Espadinha de São Jorge, demonstrou uma surpresa com o casamento do interior chamar a atenção, como algo magnífico chamou a atenção das autoridades da época. Para desumanizar e ridicularizar, propuseram um casamento na Igreja. As autoridades, para zombar do amor de homens campesinos, relata Senhor Espadinha de São Jorge.

> Ela é curiosa por seguinte, nasceu de uma "brincadeira" de muito mau gosto dos governantes em trazer esse casal pra cá na cidade para fazer o casamento. Uma "brincadeira" de bar, o prefeito com alguns amigos, secretários, estavam num bar, de repente, tiveram a ideia, eles resolveram convidar para virem para cá. Quando chegou aqui, a história se avolumou, invés de continuarem, manterem a proposta que foi feita ao casal (Casar na Catedral da Cidade), eles viram motivo de chacota, aí, o povo se revolta e começa a dar problema. Envolve a polícia e o casal tem de sair fugido de Cametá. (Senhor Espadinha de São Jorge, setembro de 2023).

A celebração mesmo modesta não era o padrão econômico da época, por ser difícil naquela época conseguir todos os objetos onerosos e Cametá ser uma região de grande pobreza, se bem que Inajacy era presenteado pelas pessoas devido ao seu dom de médium e assim conseguiu os recursos para festa com seu amado Inajá.

Como também, a colaboradora remeteu muitos elogios ao rapaz por ser um homem muito inteligente e ótimo cantor, como afirmou durante a convivência. Então autoridades da época vieram

"averiguar" o suposto casamento entre dois homens e surgimento da entidade princesa Uiara, portanto deslocaram para parte do Inacha que é também conhecida como Ferreira na porção que foi escolhido para festa para presenciar pela estrada de terra, como Senhor Espadinha de São Jorge nos informa:

> **PESQUISADORES:** Eles vieram de bom grado?
>
> **SENHOR E.S.J.:** A noiva veio vestida de noiva, lindíssima, o homem veio de paletó todo. Eles vieram para fazer o casamento.
>
> **PESQUISADORES:** Como se fosse, começou a celebração e terminava aqui (Cametá)? O sacramento da Igreja?
>
> **SENHOR E.S.J.**: Isso. Essa que era proposta. A caçamba era da prefeitura, era como se falava na época: SMER, hoje SETTOB, Secretaria Municipal de Estradas e Rodagens na época. Então, tudo isso confirma que o prefeito estava envolvido.
>
> **PESQUISADORES:** Hum, não foi coisa só da população?
>
> **SENHOR E.S.J.**: Não, não! A população foi que nem o casal vítima, porque foi esse grupo que organizou tudo, que planejou tudo, que foi buscar, que trouxe.
>
> (Senhor Espadinha de São Jorge, setembro de 2023)

Sobre a data de casamento, há divergência entre as fontes, a maioria aponta que foi no mês de dezembro, no entanto, Dona Gengibre afirma que foi no mês de junho, durante o período de São João. Mas para nossa felicidade, há registro desse dia em fotografia.

Imagem 10 – Registro do Casamento de Inacha



Fonte:https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1900807989991321&set=a.536162396455894.1073741825.100001864141989&type=3&theater

Com ajuda dos colaboradores, a imagem do casal é especulada pela imagem que eles estavam próximo ao poço que eles afirmaram. Bem como as mulheres que ajudaram Inajacy na *montação* de sua noiva, como afirma o Senhor Espadinha de São Jorge.

O terno do noivo chamava a atenção pela cor branca, remetendo ao algodão e à gravata. Mas o brilho da cena é da noiva que usa luvas, grinalda e tiara. Ao lermos a obra de Larêdo, a tiara embriagada pela literatura fazia remeter a coroação de espinhos de cristo e suplícios que o protagonista sofreu. Porém, em diálogo com os colaboradores, construiu uma nova percepção acerca do objeto. Ela simbolizava Deusarina, a princesa que viria desencantar, um mistério amazônico, uma Uiara-princesa com nome que alude ao nome de Deusa. E escondida atrás da noiva, há uma mulher que segura a grinalda.

Quando observa a capa do jornal Folha Vespertina na composição das fabulações do casamento de Inacha um conjunto de três palavras em destaque na edição do rizoma jornalístico. Utilizaram aspas para inferir violência na capa do jornal da época como "os dois consortes", deslegitimando a celebração de amor entre homens e um deles em vestido de noiva.

Capa do jornal Folha Vespertina da edição 01 de 29 de dezembro de 1967 além de apresentar o casal centralizado em destaque com a notícia, depois parafraseada por Larêdo em seu livro, demonstra o cenário de guerra fria (1945-1989), período em que Estados Unidos e União Soviética disputou o mundo pelas ideologias capitalista e socialista respectivamente. O Brasil ficou sob influência dos EUA, este fato aparece no jornal na margem esquerda superior: *Governo americano oferece auxílios "*Às vítimas da Bahia*".*

Esse jornal que noticiou este casamento pertenceu ao jornalista e político paraense Paulo Maranhão (1872-1966), que não era o jornal de principal circulação. O jornalista tinha outro, Folha do Norte, este foi famoso pelos ataques ao político e militar Magalhães Barata (1888-1959). O desafeto era apoiado pelo jornal Liberal (Oliveira, 2020). Logo, Folha Vespertina (1941-1974) foi um jornal de breve duração que tentou captar a atenção do público.

Imagem 11 – Trecho jornal da época que relatou o casamento



"Forças Armadas e Representação Popular Marcham Coesas Para o Próximo Ano de 68"

GOVÊRNO AMERICANO OFERECE AUXÍLIOS ÀS VÍTIMAS DA BAHIA

MORRERAM ABRAÇADOS SEIS PASSAGEIROS DE VEÍCULO SINISTRADO

CONDENADO EM GOIANIA SÍRIO QUE ASSASSINOU EX-PRESIDENTE ADIB

Vozes da Rua

FOLHA VESPERTINA

OS DOIS "CONSORTES"

BANCÁRIOS EM DEFESA DA AMAZÔNIA

Finame Destinou Maiores Recursos À Indústria Do País

Arzua Acha Vidvel O Lago Amazônico

NORTE-AMERICANOS TENTAM ACÔRDO COM O GOV. DE CAMBOJA PARA COMBATER O COMUNISMO

JP Solicita Contrôle Federal Nas Investigações Sindicais

Esposas de Goulart e Brizzola Candidatas

Agrônomos e Veterinários Nomeados Para o Pará

Fonte: Biblioteca Arthur Viana - Belém, digitalizado para Ramiro Cardoso (2023)

A Folha Vespertina tentou ao máximo chamar atenção no período circulado, com matérias de crimes chocantes (Crime da Praça da República de 1942[28]), cordel e mobilização de esquerda. Tentou ao máximo tornar um jornal maior do que a Folha do Norte, que foi um dos maiores do Pará, ambos foram comprados pelo concorrente do grupo Liberal, a família Maiorana, em 1974 extinguir-os.

[28] Este crime ocorreu contra uma cafetina de origem peruana Izabel Tejada na praça República, vítima de latrocínio de um casal heterossexual em 1942. O crime chocou a cidade de Belém pela brutalidade de estrangular a mulher até a morte para roubar suas joias.

Quando retorna a imagem do casal de Inacha emaranhado às notícias que beneficiam o sistema da ditadura civil-militar, é recurso do jornal de colocar este corpo como estranho para ser chamativo como circo de horrores. Seu objetivo não apenas informar, mas produzir uma narrativa, um ideário recorrente em Belém do Pará de ser centro urbano e civilizador, em contrapartida, ao interior incivilizado e fantasioso. Ressalta que um deles é encantado, diferente das outras fabulações, uma carga depreciativa. Dois homens por decisão própria se casam aos seus moldes e parodiou o modelo cis-heterocêntrico cristão de matrimônio sacudiu a sociedade cametaense.

Segundo Salomão Larêdo, em entrevista concedida em 30 de outubro de 2023, afirmou que o casal foi noticiado fora do Brasil, no Jornal Voz da América, de origem estadunidense, desde jovem, teve contato com a história de Inacha devido ao jornal e por testemunhas do ocorrido. Como menciona o escritor "*Saiu na Folha do Norte, Folha Vespertina, alguém comentou comigo que saiu na Voz da América e que tinha se espalhado pelo mundo. Mas o daqui então, o fato tinha saído na Folha Vespertina.* (Larêdo, outubro de 2023). Nesse período, a influência estadunidense na política foi enorme que os próprios apoiaram o golpe civil-militar

A ditadura cívico-militar instaurada no Brasil em 1964. Até o factual casamento, haviam instaurados quatro atos institucionais que suspendiam os direitos da população e combatiam os desviantes da moral. Como mencionado antes, seu Senhor Espadinha de São Jorge (setembro de 2023) os grandes movimentos (eventos) tinham vigilância de agentes do governo, neste caso ligados à ditadura. Bem como, ressalta nosso colaborador anteriormente. Objetivou adestrar os corpos da sociedade: "Adestrar corpos vigorosos, imperativo de saúde; obter oficiais competentes, imperativo de qualificação; formar militares obedientes, imperativo político; prevenir a devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade. (Foucault, 2013, p.166)

Sob vigilância, aconteceu o casamento homoafetivo que Cametá havia sido comentado entre os habitantes, pois, segundo sua versão religiosa, desencantou uma Uiara que prometia realizar benfeitorias à população em geral, segundo Dona Gengibre em

conversas informais. As primaveras de arnicas tornarão a sociedade melhor, porém seu caule foi infligido pelo Estado.

GEL DE ARNICA

O período da ditadura cívico-militar brasileiro (1964-1985), que por vezes é esquecido o apoio cívico, foi formado por uma tríade, pois havia apoio das pessoas civis da extrema-direita apoiando o golpe, chamado de "revolução", uma tentativa de desarticular uma possível onda comunista na América Latina orquestrado pelos EUA, e o presidente na época João Goulart (1919-1976) visava reformas de base que desagradam os grandes empresários principalmente banqueiros, como afirma Rocha (2018):

> O movimento golpista que se instaurou no Brasil em 1964 estava alicerçado em três pilares civis. O primeiro era o governador Adhemar de Barros, cuja fortuna foi furtada por guerrilheiros; o segundo era o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, conhecido como "corvo agourento", pois aspirava à presidência da República assim que os militares fizessem as eleições; o terceiro era o banqueiro Magalhães Pinto, governador de Minas Gerais, cujo banco falido deixaria um rombo de dez bilhões de reais para o país. De índole duvidosa, eram esses os três civis que apoiaram um dos piores momentos políticos do país, nos quais as manobras políticas de cunho duvidoso e corrupto inflaram o poder e deixaram o país à mercê de uma corja de péssimos governantes. (Rocha, 2018, p. 28-29).

O medo do fortalecimento de alas progressistas como movimentos feministas na conquista do voto na década de 30, discussões acerca dos direitos reprodutivos femininos e as curupiranhas (homossexuais, bissexuais, transexuais e outres) começando a sair dos *Guettos* e ocupando os espaços, como Inajacy e Inajá arquitetando a construção de família além do modelo Cis-heteronormativo afrontava o modelo cristão católico.

Portanto, essa ala conservadora cristã também apoiou o golpe cívico-militar. Como explicita Rocha (2018), "Dessa forma, os movimentos políticos de extrema direita organizaram 49 marchas antes do golpe, que eram conhecidas como Marchas da família com Deus pela Liberdade e após o golpe, Marcha da Vitória". (Rocha, 2018, p. 35).

Imagem 12 – Marcha cristã em apoio ao golpe militar



Fonte: http://memorialdademocracia.com.br/card/marcha-reage-com-deus-contra-jango

É notório que tal situação, aludida na obra Olho de Boto (2015) de Salomão Larêdo, em cujas radículas deste rizoma estabelecem relação maquínica com Ligas das Senhoras, uma entidade ligada aos "bons costumes" da região manifesta sua indignação com a celebração de matrimônio entre os dois homens, como explicita Larêdo (2015):

> Ligas das Senhoras ajustava umas providências. Vamos dizer que estavam chateadas, que é o nome mais brando e respeito que se pode dar ou chamar pra aquele estado de espírito dessas madames, vamos denominar de revolta que se pode dar, respeitosamente, àquela angústia que viviam e sentiam diante do que chamavam de imundo, para elas, a imunda, a intensa e crescente pederastia, grassando direta. Na vera, essas senhoras da liga estavam mesmo era emputecidas, termo mais apropriado, termo mais apropriado, para não dizer que o certo seria chamar, encaralhadas ou talvez embocetadas de tão revoltadas com tudo que estava acontecendo naquela lonjura. Onde já se viu dar trela pra dois efeminados que já vivem na maior sem-vergonhice e agora resolvem que querem casar. Casar? Isso é termo que se aplique? Casar, casam um homem e uma mulher que se amam, que se preparam, que querem constituir e construir uma família, e agora essa... (Larêdo, 2015, p. 28).

O termo aplicado mais comum para pessoas curupiranhas desta época é "desviante", pois como mencionado antes, se a pessoa fosse de minoria sexual já seria tachada como progressista, cujo alinhamento é atrelado à esquerda, portanto, comunista, principal inimigo do Estado neste período.

Existia, ainda entre os conservadores, o discurso de pessoas LGBTQIAPN+ sendo doentes mentalmente. No período do casamento de Inacha o vírus do HIV ainda inexiste entre os seres humanos no Brasil, pois a partir da década de 80 com fraqueza do discurso doença mental para homossexuais e bissexuais há troca de como satanizar essa população perante os olhos da sociedade em geral.

Mas nossos esforços se concentram nos primeiros anos da Ditadura Cívico-militar, quando ocorreu o fato. Pois a identidade homossexual era muito nova, antes existia sodomita. Na região de Cametá, nesta época, existia a figura do "Luziário" para designar homens homossexuais cisgêneros passivos e versáteis, para aquele período ou até hoje nos interiores, que associavam a homossexualidade apenas com a penetração, no caso, ser penetrado.

Para aquele período, Inajá poderia até ser lido como um homem "heterossexual", não por acaso que naquele mundo segue o ideal de masculinidade como jogar futebol (Larêdo, 2015), no entanto, um instante ele também desfruta de ser penetrado. "Depois que concluíram o adestramento do poraquê, curtiam a corrente elétrica que o peixe emitia na direção do ânus de cada um deles, conforme a pele sensível deles enviasse ao peixe, o desejo". (Larêdo, 2015, p. 125).

A vivência como luziários na comunidade rural de Inacha não incomodava como afirma a colaboradora Dona Gengibre, até eram respeitados pelos seus trabalhos de pajelança e Umbanda, muito comum nos interiores o sincretismo tríade nos interiores, catolicismo, Pajelança e religiões de matrizes africana, no entanto, com avanço das variantes protestante do cristianismo (não-pentecostalismo, pentecostalismo e neopentecostalismo) aos poucos vão desaparecendo.

Essas novas variantes do cristianismo adentram a comunidade de Inacha e geralmente tentam acabar com religiões afroindíge-

nas e as curupiranhas. Ao retornarmos ao lugar onde ocorreu o casamento, num Brasil "democratizado", no entanto, permanece o apagamento do casal.

Vale ressaltar que fora do Brasil, nos anos iniciais da ditadura, começa um movimento oriundo do centro do capitalismo, EUA, a revolta de *Stonewall* ocorrida no dia 28 de junho de 1969. Em uma averiguação policial em bar frequentado por pessoas LGBTQIAPN+ racializadas (negras, indígenas, latino-americanos, hispânicos e asiáticos), cujo dono não havia pagado propina para evitar a ação. Contudo, a descoberta dos frequentadores do suborno joga moedas, posteriormente objetos maiores e incendeia o espaço contra os policiais. Nos outros dias, motins continuam com *slogan Gay Power*[29]. Este fato inspirou outras nações a ter de lidar com este assunto.

No entanto, o golpe militar de 31 de março de 1964 instaurou o golpe que, por ser extrema-direita, estava alinhado à ideologia conservadora. Bem, logo de início instaurou os atos institucionais que modificaram a governança do país. Em 09 de abril de 1964, o primeiro AI-1, no qual há uma tentativa máscara de manter a constituição de 1946. Todavia, dois artigos começam a exercer o poder ditatorial de Vigiar e Punir (Foucault, 2013), retrocessos do primeiro Ato Institucional:

> Art. 6º - O Presidente da República, em qualquer dos casos previstos na Constituição, poderá decretar o estado de sítio, ou prorrogá-lo, pelo prazo máximo de trinta (30) dias; o seu ato será submetido ao Congresso Nacional, acompanhado de justificação, dentro de quarenta e oito (48) hora.
>
> Art. 8 - Os inquéritos e processos visando à apuração da responsabilidade pela prática de crime contra o Estado ou seu patrimônio e a ordem política e social ou de atos de guerra revolucionária poderão ser instaurados individual ou coletivamente. (Brasil, 1964, p.1).

Com a submissão do Brasil ao primeiro ato institucional, o presidente da Câmara Ranieri Mazzilli é um fantoche dos milita-

[29] *Gay* neste contexto é termo genérico para designar minorias sexuais e de gênero.

res. O novo presidente da ditadura foi Castelo Branco (15 de abril de 1964 a 15 março de 1967). Outros atos institucionais foram sancionados, os AIs. A população curupiranha se escondia nos *guettos* nas grandes cidades, pois seu comportamento dissidente era associado ao comunismo. AI-2 de 27 de outubro de 1965 chama atenção por dois artigos:

> Art. 16 - A suspensão de direitos políticos, com base neste Ato e no art. 10 e seu parágrafo único do Ato Institucional, de 9 de abril de 1964, além do disposto no art. 337 do Código Eleitoral e no art. 6º da Lei Orgânica dos Partidos Políticos, acarreta simultaneamente:
>
> I - a cessação de privilégio de foro por prerrogativa de função;
>
> II - a suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais;
>
> III - a proibição de atividade ou manifestação sobre assunto de natureza política;
>
> IV - a aplicação, quando necessária à preservação da ordem política e social, das seguintes medidas de segurança:
>
> a) liberdade vigiada;
>
> b) proibição de freqüentar determinados lugares;
>
> c) domicílio determinado.
>
> Art. 17 - Além dos casos previstos na Constituição federal, o Presidente da República poderá decretar e fazer cumprir a intervenção federal nos Estados, por prazo determinado:
>
> I - para assegurar a execução da lei federal;
>
> II - para prevenir ou reprimir a subversão da ordem. (Brasil, 1965, p.1)

Há a cassação do prefeito de Cametá, antes da instauração do segundo Ato Institucional, portanto é demonstrativo que a ditadura endureceu e os atos vinham apenas formalizar seu estado de combate aos desviantes. Para combatê-los, houve curso de tortura para outros oficiais de outras partes do país. Como afirma Rocha (2018), "… o golpe também contou com a presença de um "mestre" da tortura, Daniel Mitrioni, que, a pedido do governador Magalhães Pinto, passa quatro anos no Brasil, de 1960 a 1964, oferecendo cursos sobre tortura". (Rocha, 2018, p. 29).

Esta forma de projeção acarretou sobre corpos como Inajacy e Inajá considerados delinquentes e um ambiente hostil a qualquer um que oferecer "perigo" nacional, porque todos que não estivessem enquadrados nos moldes heterossexuais cisgênero patriarcal capitalista, portanto, atacavam homossexuais, como afirma Green e Quinalha (2014):

> Enquanto o regime militar se endurecia nos anos 1960, as polícias estatais continuavam a aderir a um esquema no qual sexo entre homens pertencia a um submundo obviamente estigmatizado e degenerado, povoado por "pederastas", alcoólatras, prostitutas, deficientes mentais e vários desviantes e inconformados. No contexto da Guerra Fria e do anticomunismo esmagador, pertencer a esta comunidade de delinquentes parecia uma ameaça à segurança nacional. (Green; Quinalha, 2014, p. 32).

Mesmo Cametá, uma cidade pequena no interior do Pará, em uma região negada pelo país, vivendo do saudosismo do ciclo da borracha do final do século XIX e início de XX, fazendas de Cacau (Neri, 2016) governada pelo Manuel Constantino Veiga e pelo governador Alacid Nunes entre os anos de 1966-1971. Inacha por estar às margens da estrada do distrito Juaba onde havia uma boa comunicação, a comunidade é esse território rebelado pelas narrativas dos colaboradores em plenos anos de Chumbos. Nesse percurso, instaura o AI-3 em 05 de fevereiro de 1966, destaca o 6º artigo: "Art. 6º - Ficam excluídos de apreciação judicial os atos praticados com fundamento no presente Ato Institucional e nos atos complementares dele" (Brasil, 1966, p. 01). Além de endurecer os outros dois, dispensa processo para investigar as pessoas.

Aos poucos o governo instaura seu poder gigantesco e sua máquina de destruição, em 07 de dezembro daquele ano, ainda aprova mais um ato institucional, AI-4, um regime de punição àqueles que desafiasse, visto suspender a constituição federal de 1946 e logo depois em 1967 instaurou uma nova Constituição condizente aos interesses da ditadura cívico-militar.

Esta Constituição de 1967 incorpora os atos institucionais anteriores, além de instituir o bipartidarismo, ARENA (Aliança Revolucionária Nacional) e MDB (Movimento Democrático Brasilei-

ro) e eleição para presidente indiretamente, perante um colegiado. Bem como, nesse período nefasto do país, aplicou-se a censura e, por haver associação de curupiranhas como comunismo, pessoas que fossem para além da heteronormatividade eram torturadas e até mortas pelo regime, como explicita um trecho da Comissão da Verdade Anísio Teixeira de 2015:

> "Fui muito torturado. Choque, soco na barriga, varetadas na canela, insultos, tortura psicológica. O tempo todo de capuz. Não podíamos deitar. Eles não nos deixavam dormir. Nos interrogatórios, preocupavam se em saber quem fazia trabalhos clandestinos, quem fumava maconha e quem era homossexual. Fizeram roleta russa comigo". (UNB, 2015, p. 163).

Ainda que geralmente se denomine que o período de anos de chumbo seja após o Ato Institucional número 5 e a primeira metade da década de 70, vale mencionar que a instauração do regime e para sua fixação foram usadas muito violência. Não era porque não havia no papel as palavras mortíferas que este tipo de violência não ocorresse, visto que afetou a celebração de casamento de 24 de dezembro de 1967.

Enquanto o casal vivenciava seu amor dentro da comunidade sem exterioridade, sabiam viver em paz em Inacha, Inajá e Inajacy e não foram notificados pelo *prefeitinho*[30] da comunidade. No entanto, a repressão começa a partir da construção da celebração de matrimônio para fins amorosos e religiosos. Quando Inajacy penetra por Cametá para montar os preparativos do casamento, o Estado se prepara para promover o aniquilamento. Mas também, existia ganância por parte dos militares pela região Amazônica, uma tentativa de desenvolvimento, não foi tolerado qualquer desvio da moral judaico-cristã, como afirma Bomfim (2010):

> Desde 1964 vinha sendo elaborado um conjunto de leis e medidas administrativas, conhecido como Operação Amazônia, que abrangia desde a transformação do Banco de Crédito da

[30] Prefeitinho é uma palavra pejorativa usada no interior de Cametá para designar pessoas alinhadas ao prefeito e de alguma forma exerce algum poder informal nas comunidades rurais. Ainda é recorrente esta forma de política no interior de Cametá.

> Amazônia S. A. em Banco da Amazônia S. A. (Basa), dotado de funções características de um banco de desenvolvimento, até a criação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), órgão de desenvolvimento regional, cujas atribuições deveriam compreender as anteriormente delegadas à Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA). (Bomfim, 2010, p. 18)

No Brasil, com o recente sistema autoritário em fabricação, constrói-se uma máquina, homem-máquina, este visa cumprir o papel de efetuar violências sobre o corpo torturado pelo perpetrador (Rocha, 2018). Como mencionado nesta subseção, houve curso para ensinar torturar as pessoas. Pela ajuda dos colaboradores, informaram que dois rapazes se sentiram tão ameaçados que fugiram de Cametá, pois seus corpos receberam flagelos da sociedade da época.

Para nós curupiranhas a violência interrompe nossa forma de viver, de estar no mundo e como devemos nos comportar. A figura do perpetrador na ditadura tem objetivo de tirar nossa condição de ser humano como Rocha (2018) "A maldade do perpetrador, o tormento da vítima, as crueldades aplicadas no ato assemelham-se às ideias mais perversas que já possam ter sido imaginadas e que em todas as suas possibilidades desumanizam e degradam o corpo e a moral das vítimas" (Rocha, 2018, p 44-45). Portanto, o agente fiscalizou o casamento de Inacha e desumanizou as vítimas.

Então, quando o casal é conduzido por uma caçamba, um caminhão de pequeno porte os coloca como abjetos, pois são usualmente utilizados na coleta de lixo. Os corpos homossexuais, perigosos, são levados ao Sesp[31], atual Crismic.

Sobre efeitos de torturado promove ações para desestabilizar o casal, principalmente Inajacy com seu vestido de noiva, não uma pessoa trans, mas um homem em performance de gênero (Butler, 2003) desafiando aqueles sujeitos, homem-máquina da ditadura que pela utilização da ciência médica como armamento torturante inspecionava seu corpo e retoma o ditado pejorativo "*Inacha, paca de lata e peito de borracha*" (Dona Gengibre, novembro de 2022).

[31] A sigla até este momento ainda não tem precisão do seu real sentido, mas especula-se que seja Secretária de Saúde Paraense.

Se desde final do século XIX criou-se lei que condenavam práticas religiosas que tivessem ligadas às religiões africanas, imagina a década de 60, além de ser malvisto e estar atrelado a casal de médium para desencantar uma sereia, Deusarina, rasgar as roupas que adornavam aquele dissidente não era ataque a corpo homossexual negro, mas inibir às práticas religiosas que divergiam daquela que apoiou o golpe. O Estado utiliza-se de diversos tipos de armas para matança. Matar não apenas o corpo, mas sua identidade e suas possibilidades de criação de gênero.

Nesse sentido, aponta-se para período de necropolítica (Mbembe, 2019), não que hoje não seja mais, contudo continua camuflado, o Brasil continua há 14 anos como país que mais mata LGBTQIAPN+. Pois desde o tempo de colônia ver essa prática contra a esse tipo de população pelos soberanos que perpetuaram no poder as famílias que tinham poder no Brasil e não por acaso os presidentes do período cívico-militar são a continuação. O soberano tem essa sede de sangue como explica Mbembe (2018) "… o direito do soberano de matar não está sujeito a qualquer regra nas colônias. Lá, o soberano pode matar a qualquer momento ou de qualquer maneira." (Mbembe, 2018, p. 36).

Como nos tempos de Brasil-colônia (1500-1822), o período em que ocorreu o casamento de Inacha sofreu com tentativas de aniquilamento, ao rasgar as vestes da noiva pelas ordens do médico e jogar ao povo numa tentativa de o governo demonstrar sua representação. Interditou qualquer outra curupiranha que promova, e qualquer ato de amor, pois a ditadura infligiu sua tortura, como mencionado anteriormente pelas falas da senhora Gengibre (fevereiro de 2023).

A premência dos homens vivos não foi uma bonança ou escapismo da mão ditatorial, mas artifício para simbolizar que curupiranhas não são bem-vindas naquele território. Após a tortura de averiguação genitalista, espancamento e fuga da cidade, o casal não permaneceu mais junto.

O assunto permaneceu como tabu, um choque ao tocar no assunto com objetivo de tornar uma folclorização. Por anos alimentou-se a ideia de uma lenda, não por acaso quando em 2020 em início desta pesquisa chegaram a me questionar se era verdade o

tal casamento da comunidade de Inacha. O poder ditatorial que promoveu o apagamento dos vestígios da insurgência curupiranha, surtiu um certo efeito, mas estas pesquisas e de outros pesquisadores promoveram lutas conjuntas. O Estado necropolítico, nefasto, o autor assumiu uma ótica voltado à questão racial, mas de alguma forma assemelha como foi e ainda é o tratamento de pessoas LGBTQIANP+.

Inacha torna-se uma metáfora para um lugar de paz, longe das mazelas políticas, um território de acolhimento. Pois o próprio nome é inexplicável e normaliza relações de pessoas que queiram viver juntas, Inacha seja o território do futuro, uma ideia na qual as amarras das forças ditatoriais e conservadoras não conseguem nos apanhar. Em período de conservadorismo e retorno da ditadura de alguns governantes totalitários, devemos construir nosso refúgio chamado **Inacha**.

FRUTAS SATAN-DES(VIADAS) DA AMAZÔNIA

O desafio inicial desta pesquisa foi e continua sendo alinhar um casamento homoafetivo de 1967 com uma educação envolvida numa cartografagem de uma artistagem de gênero e sexualidade na Amazônia Oriental, por buscar um espaço de ideias em meio a uma prática social que emancipe sujeitos que transitam em espaços escolares. Como educadores, entra em contato com a pedagogia desse campo, no caso, pedagogia *Queer,* como suscita Guacira Louro (2004):

> Como um movimento que se remete ao estranho e ao excêntrico pode articular-se com a Educação, tradicionalmente o espaço da normalização e do ajustamento? Como uma teoria não-propositiva pode "falar" a um campo que vive de projetos e de programas, de intenções, objetivos e planos de ação? Qual o espaço nesse campo usualmente voltado ao disciplinamento e à regra, para a transgressão e para a contestação? Como romper com binarismos e pensar a sexualidade, os gêneros e os corpos de uma forma plural, múltipla e cambiante? Como traduzir a teoria queer para a prática pedagógica? (Louro, 2004, p. 47).

O questionamento de Louro (2004) apontado na citação acima em um espaço educacional que por muitos anos foi tutelado pela Igreja e os professores para continuar em seus respectivos cargos obedecem às normas morais do cristianismo, pois no campo da educação temas como este tornam-se espinhosos.

O modelo tradicional heteronormativo biologizante é reproduzido nos espaços escolares. No mesmo lugar que tem população LGBTQIAPN+, essa discussão deve transversalizar-se à sala de aula com temáticas que conecte ao aluno, uma educação que não começa no currículo primeiro, mas a partir de sujeitos que futuramente estarão inseridos numa sociedade e suas temáticas não ficam apenas no campo da intelectualidade. Estruturar um novo currículo que desvie da norma padrão ou como afirma Corazza (2008), um currículo-ladrão-de-paz contra o currículo-oficializado.

> Esse Currículo-Ladrão-de-Paz não adota jamais uma posição neutra ou passiva diante do mundo e da vida; ao contrário, trata-os como uma questão de artistagem, vinculada à produção de diferenças, a intervenções e à invenção de vidas ricamente vividas por minorias ex-cêntricas, que procedem por difusões móveis de prestígio. Por sua própria natureza, esse Currículo-Gangue existe e opera, mesmo que de modo imperceptível, em Todos os Currículos Existentes e em Funcionamento. Embora os Currículos-Oficializados queiram sempre pô-lo na prisão, segmentarizar seus espaços lisos, cortar suas linhas de fuga, represar seus fluxos que teimam em escorrer. (Corazza, 2008, p.14)

Na produção de uma educação que desafia a norma, qual busca na noite o cheiro da arnica e Matinta-pereira agoirando o modelo tradicional cristão heteronormativo perfura o sagrado com uma artistagem (Corazza, 2008) na produção de trabalhos que envolva não apenas a formação de docente de sua respectiva área, mas esteja enfeitiçado com canto da Uiara das artes e filosofias na construção de conhecimento em sala de aula. Os tambores assombram à construção em meio uma artistagem, elas não são iguais, contudo, elas produzem agenciamentos produtivos entre casal de Inacha e educação cametaense.

Aos poucos perfuram o campo acadêmico. Experimentar a microrrevolução de afetos nas construções das relações entre professor e aluno. Provocar fissuras nas estruturas tradicionais da sociedade na qual estamos inseridos como afirma Neves (2018):

> Promover fissuras e desordens nas estruturas hegemônicas dos valores, da educação e da sexualidade de uma época para dar visibilidade a esses modos de vivências e sujeitos marginais que a sociedade normalmente vira as costas, silencia-os. Estes, por sua vez, são parte do que somos enquanto sociedade, mas os anulamos frequentemente com práticas discursivas que enveredam a segregação quando se posicionam contra a ordem vigente. (Neves, 2018, p.43).

Essa pesquisa em educação e cultura é parte de um casamento homoafetivo para produzir relação de agenciamentos com o campo da sexualidade e gênero. No entanto, as movimentações com as

matas, estradas, igarapés, pico, furos nas pluralidades de manifestações de gênero e sexualidade. Contudo, a educação é castrada pela produção de discursos que negam outras possibilidades de vivência. O estado monitora que discursos serão vociferados e produzidos em corpos que devem obediências às normas do Estado, em relação ao discurso e educação Foucault (1999) "Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo." (Foucault, 1999, p. 44).

Como explicitado anteriormente, neste trabalho não se utiliza a Teoria *Queer* para produzir uma educação desviante da norma que utiliza da artistagem. No entanto, reflete-se a realidade Amazônida em diálogo com a Teoria *Queer,* pois não reproduz uma cartografagem de artistagem em ambiente desse lugar, mas abre caminhos nesta pesquisa para a construção das Curupiranhas. Segundo o tema artistagem, Silva e Kroef (2016) explicita:

> O termo "artistagem" foi cunhado pela Profa. Dra. Sandra Corazza (UFRGS) para se referir, ao mesmo tempo, a uma estética, uma ética e uma política a se inventar; trata-se, em suma, de fazer arte sem ser artista, uma prática que busca o não-sabido, o não-olhado, o não-pensado, o não-sentido, o não-dito. (Silva; Kroef, 2016, P. 2498).

Um elemento que agencie entre educação, *Queer*, as práticas artísticas do dia a dia em elementos não convencionais para reverberar esta artistagem cartografada e especular num futuro próximo um campo de estudo de gênero, sexualidade e Amazônia que vislumbre num possível estudo Curupiranha. Curupiranha flora num deboche à Teoria *Queer*, pois pelos contatos deste campo teórico presume abarcar todas as dissidências de gênero e sexualidade sem interseccionalidade entre raça e território em destaque, o deboche epistêmico tensiona. Pois queremos nos localizar como Curupiranha como afirma Ochoa (2004):

> Con la idea de "loca-lización" quiero hacer varias cosas: quiero "loca-lizarme", o sea quiero explicarles cómo y desde dónde llego a este cuestionamiento; quiero implicar las trayectorias entrecruzadas y transnacionales que subyacen al actual entorno

> político y social en el cual se encuentran "las locas". (Ochoa, 2004, p. 241).[32]

Quando esse Dictério entra em contato com a educação tensiona para além da teoria apenas. Na tentativa de produzir devir-curupiranha realiza artistagem decorrente do casal central desta pesquisa. Curupiranha é composto após ocorrido em Cametá, nos espaços da pérola do Tocantins e como outros lugares, não produz apenas corpos masculinos e femininos para matriz cis-heterossexual.

> É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (Louro, 1997, p.21).

A escola é na maioria das vezes o primeiro lugar depois da família que produz conceitos das formações de corpos. Ao longo desse encontro entre aluno e educador, este último é responsável pela construção dos imaginários das relações afetivas/românticas/sexuais entre pessoas, no entanto, deve expandir essas concepções para além dos modelos tradicionais e contrariar o que é santificado nos espaços educacionais. Ser herege as concepções que formulam dois gêneros e uma sexualidade. Professores deverão trocar sua inércia santa no assunto sobre sexualidade e gênero por um viés satânico: professor-Boto; professora-Matinta-pereira; professor-mapinguari; professor-Boiuna, professora-Iara, professor-boitatá…

Esse encontro entre teoria e prática que constrói uma cartografia artistagem emaranhada à educação, propõe desenvolver formas de educar que construam cidadãos abertos às relações de gênero e sexualidade em suas multiplicidades e dissidências. Nós, como educadores/as na construção de conhecimentos, nos envolvemos

[32] Com a ideia de "loca-lización quero fazer várias coisas: Quero "loca-lizar-me, ou seja, quero te explicar como e de onde chegou a este questionamento; quero implicar as trajetórias entrecruzadas e transnacionais que subjacente a atual em torno político e social na qual se encontram "as loucas". (Tradução livre dos autores).

nesse processo de apropriação dos conhecimentos da Teoria *Queer* em agenciamentos subversivos na área da educação. Assim, o termo Curupiranha surge desse movimento de educação como diferença, que vem satirizar os modelos heterocêntricos, sendo capaz de criticar essa matriz da corrente teórica de gênero e sexualidade. Trata-se de uma produção política de artistagem que tensiona o dentro e fora dos muros das instituições.

O Dictério Curupiranha aponta os caminhos tortuosos dos pés virados aos modelos tradicionais, mas experimentando as transformações e inovações ocorridas nessa porção da Amazônia. Mas por que satanizar a educação tradicional? Se essa concepção vai ao encontro a um imaginário santo que permite opressões, logo é uno. A nossa crítica curupiranha se constrói nos atravessamentos que confrontam os modelos conservadores de heteronormatividade, o contrário é satanizar, portanto, somos aberrações infernais amazônicas a provocar esta educação em seu modelo conservador.

Não é um processo simples, pois se tem de revirar os modelos tradicionais e as teorias ditas progressistas. Se um dia o movimento homossexual da década de 60 foi considerado vanguardista, será que a Teoria *Queer* possa sofrer anacronismo e uma nova Teoria possa surgir? Como educadores/as podemos trilhar esse caminho de fruições artísticas e plantar sementes em nossos alunos acerca desses temas e contrapor o modelo (cis-heterossexual) que vigora nas instituições de ensino. Essas indagações não são o foco desta pesquisa, mas nesse recorte provoca corpos dissidentes na educação, em contextos de Cametá.

Pensamos uma educação da diferença voltada contra as tradições cis-heteronormativas racistas e que as multiplicidades de sexualidade e gênero marginalizadas criem tensões num aspecto de microrrevolução do desejo daqueles que são subalternizados, que possam falar e quebrar com a crista das tradicionais anacrônicas das heterossexualidades escolares. Provocações como o casamento homoafetivo de Inacha utilizam corpos dissidentes da história de Cametá, heróis que a história oficial tenta apagar e impedir de chegar nos espaços escolares.

Mas não propomos uma solução simples de aplicação de uma pedagogia *Queer,* pois implicaria uma ingênua condução de dis-

cursos progressistas sem capacidade de filtrar o que de fato é conveniente a nós amazônidas, pois a reflexão da construção dessa artistagem em percurso educativa, eles (elementos artísticos não-convencionais) não devem estar desconexos com as realidades que a região que perturbe uma educação livre e inclusiva com corpos heréticos.

No entanto, experimentará dentro da construção de espaço a artistagem, uma produção do professor que utiliza da arte mesmo não sendo propriamente um artista, visto que a docência recorrer a teatral hooks (2013) não devemos estar amarrados em interpretações agressivas as pluralidades das expressões de gênero e sexualidade, mas interpretar o monstro que contrapõe aos valores sociais conservadores que flagelos na atualidade.

Logo, não é um ataque à Teoria *Queer*, muito menos uma pedagogia variável dela, contudo nas experimentações do mundo LGBTQIAPN+ e suas implicações no campo educacional agencie com realidade da Amazônia oriental. Nesse ambiente é muito raso dizer que a educação salvará o mundo. Qual modelo de educação? Pois já existe um modelo bancário para atender à exploração do capitalismo.

Não é uma tarefa fácil os educadores terem domínio das teorias de gênero e sexualidade, portanto depositaram os conhecimentos sem contextualizar com experiências do mundo de seus alunos. Quando se trata de educação na Amazônia, que modelos estamos implementando ou fingir que não existe este tema para sala de aula, ser cooptados pelo discurso do conservadorismo de que tal assunto é de responsabilidade dos pais? Visto que muitos deles são algozes de suas proles.

Curupiranha também goza com o produzir arte, ou pelo menos uma tentativa de revisar nossos ensinamentos acerca da temática de gênero e sexualidade e proteger no âmbito de pesquisador nossos alunos de violência. Pois na mesma sala que há futuro agressor, há também um futuro cidadão respeitador e nosso trabalho como educador é contribuir para qual caminhos nosso aluno pode trilhar.

Herdamos um modelo cristão e bruto da ditadura cívico-militar. A escola é um espaço que dissidência são colocados de lado,

abjeta da vivência, educação sagrada que não pode ser profanada, o silêncio, corpos que seguem regras, padrões de vestimentas, banheiros, andares, socializações. Criação de identidade de aluno que visa transformar em uma identidade única, mas nossa construção social é múltipla, portanto, em curupiranha nos é atravessado não apenas gênero, sexualidade, mas raça, território, conexão com sagrado além dos muros do cristianismo.

A própria grade que cerca os espaços educacionais com as portas fechadas e corpos adestrados para cumprir horários, vestindo-se sobre um uniforme em algumas variações linguísticas, adquire o nome de farda como se fossem corpos dóceis adestrados pelo exército a mando do Estado. Esta nação que regulamenta quais temas estarão em sala de aula para ser ministrado, que não empreende pela emancipação do aluno, mas um sujeito passivo que absorve conhecimento que apenas a serviço do Estado da periferia do capitalismo, logo confina a criatividade, cuja moldada na heteronormatividade, nossas produções são direcionadas e recalcadas para reproduzir ideias ditas maiores de sexualidade reinante.

Regras que visam não o bem-estar, mas controle, a submissão dos corpos ao padrão da heteronormatividade. Inajacy e Inajá naquele período ditatorial do Brasil, que sofreram consequência do poder público da população educada para dilacerar aqueles corpos homossexuais, não qualquer corpo estamos discutindo, mas corpos que fogem norma masculinidade viril e heteronormatividade. Neste caso, homens que recusaram cumprir papéis sociais que lhe eram atribuídos. Podemos educar corpos independentes do gênero para respeitos de todas as manifestações desde a tenra idade.

O intuito era "educar" em 1967 a população que aquele tipo de corpo não é sadio na sociedade cametaense. Ao tocar nesse assunto, além de uma ferida histórica que não educou as próximas gerações e ao contrário promoveu apagamento destes sujeitos, a população LGBTQIAPN+ tem de ter direito de residir com dignidade pelo município e a educação deve ser caminho para aventuramos de um lugar novo que abraça os corpos dissidentes ao contrário de 1967.

Assim, a escola forma a população com "pequenas" violências para reforçar modelo masculinos da cis-heteronormativa e um

demonstrativo desse período aparece na memória de Miskolci sobre essa época. Explicita Miskolci (2012):

> Era o final da década de 1970, e vivíamos sob a presidência do general Figueiredo, a última do regime militar. No pátio, tínhamos que formar filas: duas para cada sala de aula, uma de meninos e outra de meninas. Começavam aí as "brincadeiras", nas quais os meninos mais robustos empurravam os mais frágeis para a fila feminina, espaço desqualificado em si mesmo. Só sossegavam diante do sinal para o hasteamento da bandeira cantando o Hino Nacional. Depois entrávamos na sala, de forma ordenada, marchando feito soldados em miniatura. Por fim, levantávamos em sinal de respeito, esperando pela entrada da professora, uma senhora rabugenta e conservadora. (Miskolci, 2012, p. 09)

Como mencionado anteriormente, o nosso sistema educacional advém do modelo cristão de ensinar que desde a Idade Média construiu este modelo. A escola por séculos foi monopolizada pela ordem jesuíta católica até sua expulsão na segunda metade do século XVIII, no entanto a influência do cristianismo, em especial a variante católica continua na educação e na sociedade brasileira. Como afirma a autora Romanelli (2005):

> Os jesuítas mantiveram sua hegemonia educacional no Brasil durante duzentos e dez anos, até 1759, quando foram expulsos de todas as colônias portuguesas por decisão de Sebastião José de Carvalho, o marquês de Pombal, primeiro-ministro de Portugal de 1750 a 1777. Até essa data, haviam construído no Brasil 25 residências, 36 missões e 17 colégios e seminários, além de seminários menores e escolas de primeiras letras instaladas em todas as cidades onde havia casas da Companhia de Jesus. Apesar da expulsão transitória dos jesuítas do Brasil no fim do Século XVIII, a Igreja preservou sua força na sociedade civil ainda nas fases do Império e da Primeira República. (Romanelli, 2005, p.48)

Portanto, uma religião que há séculos perseguiu, matou e criminaliza pessoas LGBTQIAPN+, segundo Mott (1990) nas suas descrições, o pesquisador realiza especificamente no caso da Xica Manicongo, detalhe de como ocorria inquisição a corpos satânicos, mencionado anteriormente. Consequentemente, a educação formal

europeia que nos foi instituída pelo viés cristão abjeta aos corpos dissidentes e promove ataque contra os nossos que são Thedôminas (Barbosa, 2023).

Quando uma nova educação se alia com Dictério Curupiranha instaura uma luta que visa desarticular os sagrados ensinamentos por satânicas performances de corpos estranhos à matriz heteronormativa, pois sujeitos como Mc Pokaroupas e Inajacy que não atendem o binarismo de gênero tentam ser aniquilados. Logo, essa produção satírica incita a tensionar e acolher todos que fujam dos padrões dos invasores da Amazônia no campo da sexualidade e gênero.

Se vamos de encontro a este modelo cristão de educação, somos hereges, ou mais explicitamente satânicos, demônios, luciferianos, curupiranhas... O próprio termo curupira, que faz parte da construção do neologismo, apresenta o sentido segundo Cascudo (2005), Curupira, segundo o folclorista brasileiro: "Curupira. Um dos mais espantosos e populares entes fantásticos das matas brasileiras. De curu, contrato de corumi, e pira, corpo, corpo de menino, segundo Stradelli. O curupira é representado por um anão, cabeleira rubra, pés ao inverso, calcanhares para frente" (Cascudo, 2005, p. 332). Portanto, as trevas anais pelos espaços que ficaram sob nossa neblina para emancipar novas formas de pensar, gênero e sexualidade na educação cametaense.

Consequentemente, os corpos dissidentes nos espaços educacionais, em especial a escola, terão um ataque a currículo antiquado, não podemos ser mais objeto de inquisição, como Cornejo explicita (2011), de perseguição pela identificação de identidade perante a heteronormatividade.

Traçar diálogos e linhas fugas com estudos de gênero e sexualidade, experimentar as complexidades dos povos amazônidas em suas performatividades e resguardar o respeito em nossas manifestações múltiplas. Coloca-se na fronteira de lutas por educação que entenda as particularidades curupiranhas na complexidade de vivência, deve-se postular as necessidades de uma educação transgressora nas diversas áreas, mas em destaque na artistagem.

Logo, convocam-se duas fronteiras de guerra, a qual são a satanização desses espaços alinhados a Sandra Corazza (2002) e

Transgressão de hooks (2013) pulverizados pelo Dictério Curupiranha. Pelas veias ensejam uma satanização transgressiva poderemos traçar linhas de fugas de pelo casamento de Inacha em conexão com tema na educação que reverbere satanizar os discursos educativo e experimentar novos agenciamentos educacionais que desterritorializam esta educação heteronormativa cisgênera branca e influência cristã.

Utilizando esse processo neste capítulo de satanização, reverbera uma artistagem como provável Educação Curupiranha ou uma Educação Viada da Amazônia (EVA). Portanto, um **devir-infernal** que provoque um desencontro com as origens do sagrado e se conecte ao corpo pulverizante, como afirma Corazza (2002):

> A educação arranca a história de si mesma e desvia-se do culto de suas origens, para afirmar a potência desse meio e descobrir o seu devir-infernal, sem o qual o muito pouco fará na descontinuidade de sua história. Negando a estática e a simetria, esse meio é que traça um ambiente de assombro e terror, surpresa e perplexidade, que não oferece nenhum apoio com teor de verdade. (Corazza, 2002, p. 43)

Um devir-satânico quando se experimenta uma educação curupiranha, no espaço a embebedar-se dos frascos de Dictério Curupiranha e arranha a imagem de uma educação cametaense, não se busca a pureza do vestido da noiva Cametá que casada com Portugal, mas libertar-se do patriarcado, capitalismo, monogamia obrigatória, cisgeneridade e heteronormatividade que explora nos cultos que cristianismo soluções, mas, em contrapartida, marginaliza nossas dissidências. Almeja-se pela educação curupiranha o acolhimento que nas encantarias, bruxarias e feitiços encontra o conhecimento dos conhecimentos florais rizomáticos. Corpos que rebelam e pulverizam os sabores da liberdade nos trânsitos educacionais em produções de artistagem de combate às opressões.

Quando corpos estranhos curupiranhas se estabelecem nesses espaços podemos construir um novo horizonte. Espelhado no curupira, um demônio da mata, criar caminhos e trilhar na busca do campo educacional. Sendo laica, a educação precisa desvencilhar-se das amarras cristianizadas que influenciam até hoje e

promovem ataques às dissidências. Um ataque recente foi a *Fake News*[33] feito por pessoas ditas cristãs e que intitularam *Kit Gay,* um acometimento ao livro "Aparelho Sexual e Cia" de Hélène Bruller (2001) para alunos de 11 a 15 anos que estão em processo de descoberta sexual.

Neste caso em especial, a bancada evangélica conservadora, encabeçada à época pelo parlamentar Jair Bolsonaro promoveu tais desinformações ao público a partir de 2010, quando naquele momento visavam promover atitudes escolares contra a homofobia, contudo, essa ideologia foi recusada pela presidenta da época Dilma Rousseff.

A temática do gênero e sexualidade pelo viés da Dictério Curupiranha sempre incomodou a ala conservadora do congresso brasileiro, mas vale a pena mencionar que inexiste uma lei específica contra a homotransfobia e a Comissão da Câmara Nacional deslegitima o casamento igualitário após 10 anos, esse ataque ocorreu em 10 de outubro de 2023.

A curupiranhafobia[34] está sempre nos espaços educacionais, com mais força na educação básica. Dictério Curupiranha preocupa-se com tais violências e depreende debatê-la por entender que esse processo violento vai no sentido mais físico, tanto como apagamento de história e literatura LGBTQIAPN+. Necessário repensar nossas práticas como docente, pois não é sobre currículo apenas, mas remexer as estruturas de produção de violência que operam entre corredores sem autoridade escolar observando.

Já se passaram décadas e a mesma mentalidade que expulsou os noivos de Cametá persiste quando divergimos do modelo de educação dos invasores. Produzir rizomas, trazer o demônio (Curupira) da ancestralidade e das matas para provocar fissuras, artistagem e lutas contra a estigmatização das relações fora do eixo heterossexual. Quando Mc Pokaroupas diz "*Que diabo que tu é"* (Pokaroupas, 2021, p. 01), satiriza a sociedade oposta a corpos divergentes, e isso ocorre também na educação.

[33] *Fake News* em tradução livre significa notícias falsas, em especial em ambiente virtual.

[34] Termo abrangente para violências práticas contra as dissidências de gênero e sexualidade.

Entrar na chuva torrencial equatorial dos estudos de gênero e sexualidade, no caso do Dictério Curupiranha, compreende que o espaço escolar também é um ambiente de luta e de violência e deve ser combatida. Paradoxal um ambiente em que supostamente deveria acolher as pluralidades de vivências dentro de seus muros, mas, na verdade, também seja uma extensão da violência do Estado contra corpos invisibilizados e estigmatizados e o educador aprofundar nessa área para agir de forma mais correta da proteção deste aluno. Se hoje há consenso de que Libras - Língua Brasileira de Sinais deve ser obrigatória, também deve estudar e fomentar um letramento curupiranhizado. Não se deve reproduzir os valores depreciativos do cristianismo que toma o aluno como pecador também no ambiente educacional.

> Quando interrompem, no mundo do currículo, os mitos da cristandade e a crença no além-mundo; as ideias de espíritos da luz e das trevas, do bem e do mal; os decretos e promessas de salvação educativa; a força do poder pastoral e os dispositivos escolares, a idéia do diabo associa-se a eles. Tal associação restringe a liberdade de prazer, de movimento e comunicação e, acima de tudo, a liberdade de fabulação, de fantasia e de paixões fortes do currículo. O diabo fica associado a indivíduos especiais como crianças, mulheres, negros, a puberdade, a deficiência; e a todas as coisas diferentes e assustadoras, como a não-aprendizagem, a loucura, os maus comportamentos, o erotismo, a doença, a morte com o seu poder infecção e contágio. (Corazza, 2002, p. 63).

Desestabilizar de um mundo gelado, mas um fogaréu de devires da educação curupiranha que devem consumir a frieza dos espaços escolares por abraços educacionais calorosos que visão formação de sociedade sem pecados, mas não aquela cantada pelo Chico Buarque (1990), no entanto, a ideia de pecados simplesmente não exista.

Produzir comprimidos de anti-inflamatórios contra a infecção (prudência), este não regula o calor infernal, mas o gélido e o santo na educação, confere vivacidade a todos que frequentam esse lugar. Medicar regularmente com pílulas de educação curupiranha e abrir o corpo para novas experimentações. Porém, não é feita de

singularidades, todavia composta pelo múltiplo, cujos aprendem pelas trocas. Construções de lugares de criação e possibilidade das bruxas, themônias e criaturas infernais semearão satânicas liberdades e o poder de criações do mundo.

Ao estarmos em liberdade no conhecimento, poderemos dizer que é uma satanização do conhecimento. Educação curupiranha traz uma satanização em curso, mesmo de espaços escolares, contra a educação reproduz estruturas conservadoras, consoante se deve buscar uma educação infernal (Corazza, 2002) na sátira Curupiranha, se essas práticas estão em dicotomia das normas cristãs, devemos desterritorializar e infernizar a formulação dos discursos educacionais. Uma linguagem para reverberar para uma cultura que alie com os prazeres como algo natural, como deve ser, não ser pecado e sentimento de culpa por desfrutar a sexualidade do corpo e suas performatividades dissidentes.

Não é importante apenas estarmos nestes lugares, mas provocam tensionamentos na estrutura ao ponto de além dos modelos já estabelecidos. Olhar para os currículos e questionar como produzimos o conhecimento. Ensinar precisa ser transgressivo, para novos corpos demonizados convivem naturalmente e não como esquisitos, em novos terrenos buscamos a teatralidade como hooks (2013) afirma: “Ensinar é um ato teatral. É esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma.” (hooks, 2013, p. 21).

Podemos aprender com a dramatização das *Drag Queens*, ou ainda na performatividade de Inajacy quando questionamos a fabricação do gênero, e com a sociedade que por anos perpetua o patriarcado. Curupiranhizar a educação como prática é libertar e reconhecer nossas particularidades. Essas práticas de corpos curupiranhas atravessam os muros pelo feitiço caboclo e o *embruxe* todo ambiente educacional. Por uma educação de discursos satânicos frutifique *armagedon* que a golpe de dildo (Preciado, 2014) arremate esse modelo vigente.

Notável um relato de hooks (2013) sobre as professoras negras, nos Estados Unidos em segregação racial, preocupavam-se com estudantes muito além da construção de um depósito de co-

nhecimento. Em contrapartida, os professores brancos não tinham essa preocupação, pelo menos com alunos negros, vendo como depósito de segunda categoria. Como uma estratégia de luta, o intelecto permite repensar as amarras que os corpos dissidentes estão imbricados nesta logística heteronormativa de educação bancária. Portanto, os alunos com particularidades destoantes da heteronormatividade sejam contemplados por atenção herege e respeitado.

Os educadores infernais da latíbula-trevosa de Inacha têm um compromisso com a história de Inajacy e Inajá, mas não apenas uma deleitação literária, no entanto, têm possibilidades de construir novos pensamentos agenciados com produções científicas amazônidas. Repensar a escola como espaço sem curupiranhafobia e até os muros acadêmicos, onde atualmente vive esse tensionamento entre pautas progressistas e educação anticolonial.

Até nas Instituições Educacionais de Nível Superior, ainda somos estigmatizados, pois educação foi privilégio branco cristão. O Estado perpetrou e perpetrará violências para fortalecer o seu santificado, mesmo que seja retirando o básico, a educação de corpos racializados, curupiranhizados, femininos, neurodivergentes... Portanto, o estado de encantaria lutará pelos conhecimentos constantemente.

Pensar numa pedagogia transgressiva a qual os alunos não usufruam 4h apenas sentados, sendo passivo e que seja mais ativo, o silêncio da sala seja transformado em horrendos assobios transgressivos e libertadores regurgitados do Dictério. Os corpos produzam ciência das terras abissais e abraçamos nossa escuridão como um projeto de iluminação heteronormativa que por anos o conhecimento abjetificado, mas não estamos ignorando o brilho, aliás o que seria do mundo LGBTQIAPN+ sem seu esplendor, mas educação curupiranha em diálogos com temática que possam traçar.

Para mudar esse "céu", não só receba nossos corpos santos, mas corpos endemoniados, esses espaços educacionais acadêmicos que supostamente jorram sua ambrosia sagrada na educação básica, ainda é acesso pelos conservadores que imprimem seus valores. A melhor parte da ciência, densa, ainda jorra às mínguas às curupiranhas, aqueles que fazem ciência santa para manutenção destes espaços deverão lidar com o nosso fazer infernal. Consequentemente,

podemos aguentar nossos corpos divergentes, demonizados ou corpos inachizados fiquem com líquido esparso, também almejamos o protagonismo da produção científica curupiranha.

Portanto, revoltar o modelo sagrado da ciência para causar a sua desagregação para de fato abarcar as curupiranhas e espaços educacionais, não sejam como muros de igrejas sem imagem e que todos sentam ali enquanto o sacerdócio transmite a palavra que lhe mais convém.

Aquele ambiente retangular em fileiras e a única direção a que os alunos devem olhar é o professor seja mudado. Eles (alunos) opacos perante uma autoridade que ilumine suas mentes com as verdades con(sagradas), qualquer tentativa de comportamento demoníaco não pode ser mais exorcizada. A educação tradicional heteronormativa deve parar de exorcizar os nossos demônios, eles serão a revolta contra as opressões da cis-heteronormatividade com estudos curupiranhizados. Nesse quesito, tensiona para uma sala de aula curupiranha.

Nesta nova sala algumas pistas ao professor, ele não é protagonista e muito menos dono do conhecimento. As aulas poderão ser em círculo e todos os alunos compartilham suas opiniões sobre determinado assunto como rituais satânicos na invocação de conhecimento que alimenta o espírito de educação inovadora. Possibilidades de criações e novas invenções do mundo.

Bem como, traçar conexões, agenciamentos, linhas de fugas nos diálogos construídos. De sorte que a parede não é opaca ou muito menos é pintada por uma terceira pessoa. Todos os alunos constroem as paredes com imagens, fotografias, poemas e reverberar na sala como uma artistagem infernal.

O uniforme é opcional, e as roupas perdem sua generificação. Não existe gênero como limiar da diferenciação dos alunos. A literatura do dia a dia, os autores não canônicos e que dialoguem com educação inovadora pelo Dictério Curupiranha que adentre este espaço. Estimular as crianças a produzirem seus próprios escritos. Não é uma sala silenciosa, pois os alunos estarão sempre produzindo. As vozes serão polifonias de conhecimento infernal. Uma horripilante sinfonia infernal enfeitiça os corpos dissidentes a experimentar o fruto proibido do conhecimento. Os cooperantes

de aprendizagem fomentarão a nova EVA. Está em decorrência do Dictério Curupiranha. Portanto, a utilização de Dictério Curupiranha reverberará na nova EVA.

Estes apontamentos são algumas ebulições de uma possível educação curupiranha e/ou satânica (Nova Eva), como ressaltado anteriormente a Dictério Curupiranha, vale ressaltar que não é negação da *queer,* mas uma provocação de importação de pautas progressistas e *status quo* de superior a pensamento produzido na periferia do capitalismo. O casamento de Inacha é o pontapé para essa discussão de como efetuamos uma educação que quebre os paradigmas cisgênero, heteronormativa, racista e classista.

Uma pedagogia curupiranha transgrida a cisgeneridade pelos corpos trans, travestis e outras manifestações dissidentes demonizados transitarem pelo espaço sem o medo de ataque, pois a criação o território de Inacha de acolhimento, a escola-Inacha em alinhamento com artistagem, ela consuma as práticas satanizadas sem ataque, pelo contrário como colaborativas e o crescimento do lugar. Artistagem curupiranha de educadores satânicos criarão este espaço. O que foi mencionado das influências cristãs necessita ser suplantado, caso necessário produziremos pelas curupiranhas o apocalipse e os espaços educacionais caem nas trevas de conhecimento.

A heteronormativa em uma escola-Inacha sofre derrocada não só pelo casamento entre dois homens em 1967, visto que a educação libertadora possibilita questionar além do modelo heterossexual, bem como criativo para construção de sua identidade sexual. Contra o racismo, pois somos concebidos como iguais na diferença e temos espaços para *todes*.

Além disso, Inajacy e Inajá demonstram um amor afroindígena. Cada um é tratado como suas peculiaridades em um conhecimento racializado. Por fim, uma educação curupiranha aboli as classes econômicas e todos somos trabalhadores, portanto oferecem o mesmo nível de conhecimento sem distinção econômica e as escolas não são iguais, pois elas se adequam a realidade da comunidade entregando a mesma qualidade.

Inajacy e Inajá levam-nos a conceber Inacha como uma ideia de espaço de paz para céu ensanguentado que é o Brasil para a

população curupiranha, a qual pratica uma pedagogia contra esse modelo santo enraizado por séculos. Mas também transgredir por um educador enfeitiçado por encantos sombrios que transformam a atmosfera educacional. Nosso dever como educador curupiranhas é promover a Inacha na educação, uma pedagogia curupiranha.

Artistagem presente nos docentes produzirá cenas como está no final desta seção, proliferação e poderão ser mais comuns, como a teatralidade de alunos do casamento homoafetivo em escola na cidade de Cametá.

Imagem 11 - Celebração Teatral do Casamento de Inacha na E.E.E.M. Júlia Passarinho



Fonte: Rede Social Facebook (2022),

A educação curupiranha é...
"*A educação viada da Amazônia!*"

ENTRESSAFRA CURUPIRANHA

Esta pesquisa entrou no estado "final", no entanto, não foi concluída para efeitos do tema, bem como para fins acadêmicos, completou a proposta do seu gozo. Em 2025, 58 anos após um casamento homoafetivo no interior da Amazônia não se resume a este trabalho que será sua única voz, metafisicamente apenas uma fabulação.

Um interlúdio, um café da tarde, ou mesmo sono pós-almoço de Cametá, recolhemos um pouco para ganhar novas asas, vassouras e uivos e enfeitiçar os espaços educacionais com aroma de arnica e puxar[35] o joelho quebrado da sociedade e estabelecemos diálogos curupiranhizados.

A arnica é uma simbologia, porque somos uma planta rizomatosa. Preferimos utilizar a arnica, pois ela é comum de uso entre pessoas mais idosas que sentiram reverberações da cerimônia em Inacha. Essas pessoas acima dos 50 anos fertilizaram o estudo. Nas experimentações de visitar as pessoas, as que concordaram ou que negaram participar, o gel de arnica estava presente na sua residência ou mesmo transitando pelos espaços das feiras de Cametá, as frascarias entre verde e azul vendida por valores acessíveis às camadas mais populares de Cametá.

Ervas estão presentes no mito do Curupira, como guardião das matas, logo, há conexão com as curupiranhas de alguma forma.

Não acabou em 1967, produzimos artistagem, arte, educação e cultura nas nossas expressões, como as Carlotas[36] em Cametá, Themônias[37] em Belém, o de Everson Borges em capanema, artis-

[35] Puxar é uma variação linguística cametaense para massagem com finalidade de aliviar dores no corpo.

[36] Coletivo de luta social, alusão ao professor e psicólogo falecido em 2019 Carlos Amorim, nome popular em Cametá pela Comunidade LGBTQIAPN+.

[37] Themonias é expressão de vivência belenense. Onde Corpos marginalizados LGBTQIAPN+ pelos experimentos de artes e vivência ironizam o cristianismo, bem como a sociedade no geral. Themonias não são apenas as *Drags Queen* que invadem as ruas de Belém com montação que destabilizam a sociedade

tas do grupo de pesquisa ANARKHOS da UFPA - Campus Universitário do Tocantins/Cametá e muitos outros corpos satânicos.

Dentro ou fora do muro acadêmico curupiranhizamos espaços em rebeldia aos modelos tradicionais em capilaridades pelas veias dentro do território amazônida, corpos se expressam, alimentam e retroalimentam de suas culturas que advém de educação não-convencional artistas e outras pessoas comprometidas com artistagem. Como seguinte, imagem de produções de corpos dissidentes que tensionam para satanizar e confrontar corpos santificados.

Imagem 22 – Colagem Curupiranha



Fonte: Ramiro Cardoso; Mc Pokaroupas[38] e Anarkhos[39] (2024)

heternormativa na Noite Suja (andares montados pelas ruas), mas estratégias de vivência na Amazônia urbana. (BARBOSA, 2023).

[38]https://m.facebook.com/p/Mc-Pokaroupas-100063217089697/?locale=pt_BR.

[39] Grupo de Pesquisa ANARKHOS Micropolíticas, Arte-Performance e Experimentações Literárias na Educação vinculado ao PPGEDUC.

No interstício desta pesquisa cartográfica há um conhecido e novo território chamado Inacha que reinventa suas narrativas, cujo convoca a nos debruçarmos nos seus agenciamentos e, por isso, nossa missão está em curso. Chega-se nessas ponderações num processo paradoxal, como crepúsculo, pois, de madrugada/manhã, o mundo começa e a tarde/noite recolhe e vice-versa.

Inacha é a simbologia do casal dissidente Inajacy e Inajá, força motriz desta pesquisa que floresceu fabulações em uma tríade que permitiram nos conectar ao 24 de dezembro de 1967, um período turbulento para a nação brasileira.

Corpos discentes, aqui corpos curupiranhas são perseguidos e, no caso do interior da Amazônia, para a capital, como um imaginário de aberrações. Eles não foram vítimas diretas da ditadura, mas de uma sociedade contaminada pelas ideias que eram dissipadas e semeadas desde a educação. Se no século XXI, a nossa prática docente, percebemos olhares a corpos curupiranhas pelos corredores escolares e certo medo da comunidade escolar, mas esta deve ter medo de nossas produções trevosas. A importância do casamento de Inacha, não é apenas celebração de população minoritária, mas um ato de cidadania vanguardista.

A educação está intimamente relacionada com a cultura do povo, nesta pesquisa foi reencontrada uma Cametá esquecida pelos livros didáticos. Uma que não é terra dos homens notáveis, mas uma população afroindígena, quais os temas de sexualidade e gênero não é uma repugnação, mas encaixa num exotismo. A curiosidade no desconhecido, nos homens que amam homens, mulheres que amam mulheres e outras multiplicidades de gênero e sexualidade como a própria Amazônia observamos apenas as plantas mais altas como samaumeira e castanhais, por trás dessa aura esconde pulsões que serão respeitadas e mudarão os caminhos da humanidade no momento que nós olharmos como seres humanos e como objeto de exploração do capitalismo neoliberal.

As viagens literárias e pelas estradas do Juaba até Inacha, um território pacato que pode doar ao mundo o sentimento de rebeldia em dias difíceis. Nos momentos mais complicados, quando a liberdade está ameaçada e as tranqueiras sociais visam atacar, deve-se olhar a potência do ser Inacha. Olhar para nossas raízes e abraçar os misticismos para educação e sua artistagem.

Primeiramente percebeu-se que Olho de Boto (2015) como uma obra que se refere a este lugar, mas colocar os pés nele é singular. A metáfora para *Inachizar* vem como uma flor alastrada no meio do céu educacional pelos seus maiores representantes. A cada escrita desse texto da pesquisa, até onde estamos *Inachizando* os lugares, satanizando pela Curupiranha? Sim. Faremos teoria, epistemologia, deboche contra os sistemas opressivos.

Continua-se a mapear, e novos territórios e novas conexões instauram complexidades que, aos poucos, por uma educação transgressiva, devir-curupiranha. Visamos a aplicação de alguma aula curupiranhizada na educação básica na busca de acompanhar as criatividades dos alunos. Perceber suas produções infernais pelo momento literário em conjunto com a obra *Olho de Boto* (2015) de Salomão Larêdo.

Curupiranhas produzem relações rizomáticas, uma grande floresta que tem suas plantas que tem suas particularidades, todavia vivencia suas multiplicidades, mas que constituem um bioma, que por séculos fomos podadas, queimadas, extirpadas da condição em prol de progresso. Progresso para quem? Religião e ciência instrumentalizam ataques. Mas curupiranhas sobreviveram e pela capilaridade espalham novos horizontes.

Nosso fruto não restringe a educação, mas diversos segmentos que constituem o ser humano, o casal que desencadeou esta pesquisa como uma erva que foi podada, mas encontramos suas sementes e suas radículas pulverizando o horizonte e cartografar algumas delas.

Essa planta, simbolizada pela arnica, que plantamos as sementes de suas fabulações e aos poucos regarmos essa erva que teceu as radículas que as linhas que promoveram as escritas desta dissertação, ao meio experimentações de diversas vivências, Inacha, Belém, Porto Grande, Cametá Urbana, Anarkhos…

Folhas frondosas espalham pelos encontros entre corpos dissidentes em espaços públicos e produziu Curupiranha. Logo, para essa floresta que abriga diversas plantas que guardam seus segredos e aos poucos somos nós que ensinamos nossas drogas, elas existem e reviramos a sociedade para avesso. Produzimos gozos incomuns.

Inajacy e Inajá protagonista neste estudo nos ensinam a rebelar as normas estabelecidas e provocas microrrevoluções que desestabilizam. Pensar nossa forma de mundo e abrir mentes para novas formas de vivências. O casamento entre os dois ocorreu num ambiente que não atentara que seria possível tal realização: dois homens se casando.

O ensinamento que produz esse ato para nós, LGBTQIAPN+ quando existem muros que achávamos que nossa mente fica limitada, podemos usar nossas radículas e quebrar e construir nossas possibilidades de viver. Quebrar o limite de nosso ambiente e escrever um novo que conta, reconta fabulações e instiga a quebra de novos muros que limitam as curupiranhas.

Corpos que produzem fissuras nas estruturas que nos oprimem e lutar para sobreviver a carnificina e produzimos vozes que torcem raízes centrais arborescentes e cantamos em coro como ocorreu em 02 de junho de 2023 no V Colóquio do Anarkhos em Artevivências Anárkhicas: sentidos e performatividade, curupiranhas gritaram e gritam "*eco-bixas, transviadas da Amazônia".* Discurso importante proferido debaixo de uma chuva torrencial em uma rua da cidade de Cametá, na qual a população observava nossos corpos curupiranhas, satânicos em afetos, coreografias e libido em excesso, reivindicando nosso trânsito sem intromissão como em 1967.

Produziremos dictério e artistagem contra estudos que tentam nos enquadrar em produções que vêm além de nosso território, como podemos aceitar epistemologias que não são nossas vivências, experiências e experimentações? O momento é de nos olharmos como autoras autônomas de nossas produções e não sermos mais objeto de outros, eles nos descrevem como exotismo. Mas escrevemos como sujeitos que pertencem a um lugar, dele estamos imbricados em multiplicidades e agenciamentos.

Nosso deboche às normas acadêmicas, que tentam nos encaixar nos seus fitares cis-heteronormativo, cristão, capitalista e colonizador, porquanto somos para além de um casamento homoafetivo/igualitário. Somos construções de gênero e sexualidades que incomodam, somos também fruições de sexo anal, *bateção* o leque, *montação*, coladoras de velcro, ser marmita de casal….

Nosso deboche ao sistema dominador, que nos amordaça e mata todos os dias. Visto que estamos em perfuração de conhecimentos e fluxos de vida para dar vazão a uma educação da diferença que desfrute da presença de corpos dissidentes, para gozar direitos e (re)existências nas entranhas desta sociedade patriarcal, hipócrita e injusta. Pelo deboche, arte e artistagem somos curupiranhas de uma educação - Viada da Amazônia!

CAPILARIDADES TEÓRICAS

BARBOSA, Ana Paula Gomes. **A MONTAÇÃO VIROU MEGAZORD:** Arte themonia, potências infernais na educação. 2023. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura). UFPA. Cametá.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Tradução de Sérgio Milliet. 4ª ed. São Paulo. Difusão Europeia de Livro, 1970.

BOMFIM, Paulo Roberto Albuquerque. FRONTEIRA AMAZÔNICA E PLANEJAMENTO NA ÉPOCA DA DITADURA MILITAR NO BRASIL: INUNDAR A HILEIA DE CIVILIZAÇÃO? **Boletim Goiano de Geografia**. Góias, vol. 30, núm. 1, jan-jun, p. 13-33. 2010.

BRASIL. **ATO INSTITUCIONAL 1**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/AIT/ait-01-%2064.htm>. Acesso 13 de jun. de 2023.

BRASIL. **ATO INSTITUCIONAL 2**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/CCIVil_03/AIT/ait-02- 65.htm>. Acesso 13 de jun. de 2023.

BRASIL. **ATO INSTITUCIONAL 3.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-03- 66.htm>. Acesso 13 de jun. de 2023.

BRASIL. **ATO INSTITUCIONAL 4.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-04- 66.htm>. Acesso 13 de jun. de 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, Ailton José dos Santos. **A MORTE DA CLÍNICA:** MOVIMENTO HOMOSSEXUAL E LUTA PELA DESPATOLOGIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL (1978-1990). Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, vol. 1, p. 1-15, 2015.

CASCUDO, Luís da Câmara. Antologia do Folclore Brasileiro. 1ª ed. São Paulo. Global, 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10ª.ed. São Paulo. Ediouro, 2000.

CORAZZA, Sandra Mara. **Para uma Filosofia Infernal na Educação:** Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins. Belo Horizonte. Autêntica, 2002.

CORAZZA, Sandra Mara. **Para artistar a filosofia-educação:** – Sem ensaio não há inspiração. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1TB3OLHL3AcMOr0seM6mDOUrrxloH8J7G/view>. Acesso em 10 de jun. de 2024.

CORNEJO, Giancarlo. **LA GUERRA DECLARADA CONTRA EL NIÑO AFEMINADO.** Disponível em: <https://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278291734_ARQUIVO_giancarlocornejoFazendogenero.pdf>. Acesso em 17 de out. 2023.

COSTA, Gilcilene dias. **Trilogia Antropofágica**: A educação como Devoração. 2008. Tese de Doutorado. (Programa em Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

COSTA, Gilcilene dias. Cartografias Literárias nas Artes de Escrever-Pesquisar. 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel**. História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 17ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11ª ed. Rio de Janeiro. Edições Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** Nascimento da Prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 41ª. ed. Petrópolis-RJ. Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do Discurso.** Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed. São Paulo, 1966.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. **DITADURA E HOMOSSEXUALIDADES:** repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos - SP, Edufscar, 2014.

GOLDMAN Marcio. A relação afroindígena. **Cadernos de campo.** São Paulo, n. 23, p. 213-222, 2014.

GOMES, Pedro Alves; Christo, Raquel Saraiva. O Mito da Vitória-Régia. SINAIS. Vitória-ES, vol. 2, n. 4, p. 258-270.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Observatório 2023 de Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil.** Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/wp-content/uploads/bsk-pdf-manager/2024/

02/observatorio-2023-de-mortes-violentas-de-lgbt-1.pdf>. Acesso em 28 de mar. 2024.

HINO DE CAMETÁ. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/hinos-de-cidades/1823587/>. Acesso em 08 de nov. 2022.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Xica Manicongo: A Transgeneridade Toma a Palavra. **Docência Cibercultura.** Rio de Janeiro, vol 3, nº1, p. 251-260, jan/abr., 2019.

Kelly, João Roberto; Faissal, Roberto. **Cabeleira do Zezé.** Disponível em <https://www.musixmatch.com/pt/letras/Banda-Gol/Cabeleira-Do-Zez%C3%A9>. Acesso em 09 de mar. 2024.

LARÊDO, Salomão. LARÊDO, Salomão. **Antônia Cu de facho.** Belém – PA. Salomão Larêdo Editora, 2006.

LARÊDO, Salomão. **Olho de Boto**. São Paulo. Empíreo. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª ed. Petrópolis. Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho –** ensaios sobre a sexualidade teoria Queer. Belo Horizonte. Autêntica, 2004.

MBEMBE, Achille. **A necropolítica**. São Paulo. N-1 edições, 2018.

MANIFESTO ILE para uma comunicação radicalmente inclusiva. Disponível em: https://diversitybbox.com/manifesto-ile-para-uma-comunicacao-radicalmente-inclusiva/. Acesso em 18 maio 2023.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer:** Um aprendizado pelas Diferenças. Belo horizonte. Autêntica, 2012.

MINISTRA do Supremo Tribunal Federal suspende ação e barra 'cura gay'. Disponível em: https://vejasp.abril.com.br/cidades/ministra-do-supremo-tribunal-federal-suspende-acao-e-barra-cura-gay/. Acesso em: 18 maio 2023.

MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI NO BRASIL. Disponível em: https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/10883. Acesso em: 21 abr. 2023.

MOTT, Luiz. Relações entre Homossexuais no Brasil Colônia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 35, p. 169-190. 1990.

MOTT, Luiz. **Homossexuais da Bahia**: Dicionário Biográfico (Séculos XVI-XIX). Salvador. Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.

MUSEU DE FOTOS. Disponível em: http://luisperescameta.blogspot.com/p/museu-de-fotos.html. Acesso em: 30 jan. 2023.

NÃO EXISTE Pecado ao Sul do Equador Chico Buarque. Disponível em: https://www.letras.mus.br/chico-buarque/86006/. Acesso em 30 de mai. de 2023.

NEVES, Regiane Farias. **Tramas da sexualidade em Antônia Cudefacho**: Educação, micropolíticas e resistências. 2018. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura). UFPA. Cametá.

NERI, Pâmela Paula Souza. **Memória-esquecimento da história e cultura indígena em Cametá**: uma arqueogenealogia dos fios narrativos na trilha indígena da Aldeia e Torrão-Mupi. 2014. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura).

OCHOA, Marcia. Ciudadanía perversa: divas, marginación y participación en la "localización". In: **Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización**. En Daniel Mato (coord.), Caracas, FACES, Universidad Central de Venezuela, 2004, p. 239-256.

OLIVEIRA, Alessandra Nunes de. **Do embusteiro ao eminente ídolo paraense**: a disputa política entre Magalhães Barata e Paulo Maranhão nas manchetes dos jornais Folha do Norte e O Liberal. 2020. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia).UFPA. Belém.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, Sulina, 2009.

PELUCIO, Larissa. O Cu (de) Preciado ? estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. **Iberic@l: Revue d´études ibériques et ibéro-américaines**, v. 1, p. 123-136, 2016.

PETIT, Pere; CUÉLLAR, Jaime. O golpe de 1964 e a instauração da ditadura civil-militar no Pará: apoios e resistências. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 25, nº 49, p. 169-189, jan-jun., 2012.

PINTO, Adrielle Patricia Oliveira. Novas Dinâmicas Territoriais na Amazônia Tocantina: Projeto de Emancipação Territorial da Vila de Juaba. Anais do XVIII Encontro Nacional de Geógrafos (24 a 30 de julho de 2016. São Luís, MA) A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia. vol. 1, 2016.

POKAROUPAS, MC. Curupiranha. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=PoGVYeZYNC0>. Acesso em: 02 nov. 2022.

POKAROUPAS, MC. Tá Calor. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qgVPGDEnpzM. Acesso em: 02 nov. 2022.

PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel. Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

ROCHA, Ana Lilia Carvalho. **Do Corpo Torturador ao Corpo Torturado**: Representações da Máquina Ditatorial na Literatura Brasileira.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Elielma do Socorro Lobo dos. **Micropolíticas e educação para as relações de gênero**: Pistas Cartográficas do Grupo LGBT de Igarapé-Miri/PA. 2018. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura). UFPA. Cametá.

SENA, José. Corpos **Dissidentes e Biopolítica na Amazônia Atlântica**: Disputas metapragmáticas no cuidado em saúde. 2020. Tese de Doutorado. (Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

SENA, José; BORGES, Everson. Curupiranha, a viada da Amazônia. Fotocronografias: Imagem, diversidade sexual e de gênero, decolonialidade: olhares "de fora do eixo". **Medium**, Porto Alegre - RS, vol. 07, n. 15, p. 12-28, 2021.

SILVA, Ícaro Gomes. KROEF, Ada Beatriz Gallicchio. Artistagens ético-estéticas: experimentações audiovisuais com a filosofia da diferença. In: XXV Encontro de Iniciação à Docência. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, vol. 1, n.1, p. 2498, 2016.

SILVEIRA, Ederson Luís; SILVA, João Paulo de Lorena; SANTOS, Wendel Souza. Sobre discursos disciplinares e (outras) pedagogias: desnormalizando sexualidades na escola. **Rascunhos Culturais**, Coxim/MS, v. 5, p. 123-136, jul./dez. 2014.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da Colônia a atualidade. 4ª ed. São Paulo. Objetiva, 2018.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Comissão Anísio Teixeira de Memória E Verdade. Disponível em: https://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr6/documentos-e-publicacoes/artigos/relatorio_comissao_da_verdade.pdf. Acesso em: 15 jun. 2023.

VALVERDE, Simone S; THEMÍSTOCLES, B. de Oliveira; SOUZA, Stefânia P. de. Solidago chilensis Meyen (Asteraceae). **Revista Fito**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, jul./set. 2012.

VIA-SACRA – Reze e medite as 15 estações. Disponível em: https://www.porciunculaniteroi.com.br/oracoes/26464. Acesso em: 26 dez. 2022.

Índice Remissivo

A

agenciamento 40
Alacid Nunes 18, 68
Amazônia
  tocantina 7, 9, 11, 15, 20, 32, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 51, 52, 53, 69, 70, 73, 75, 77, 78, 81, 82, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 100, 101, 105, 106
Antônia Cudefacho 17, 21, 99
ARNICA 63
artistagem 20, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 81, 82, 83, 87, 88, 90, 91, 92, 94, 95

B

Butler 22, 32, 34, 35, 70

C

Cametá 3, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 26, 28, 29, 31, 33, 41, 45, 46, 48, 49, 51, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 62, 65, 67, 68, 69, 70, 76, 77, 82, 83, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 99, 101, 105
Camutás 17
cartografia
  rizomática 3, 6, 11, 12, 21, 24, 25, 29, 30, 31, 35, 45, 76, 100
Casamento
  homoafetivo 6, 11, 17, 20, 26, 47, 59, 89
comunidade
  Inacha 9, 11, 18, 19, 20, 21, 23, 26, 27, 29, 32, 46, 47, 56, 57, 65, 68, 69, 72, 88, 92
Corazza 22, 33, 53, 73, 74, 75, 81, 82, 84, 85
currículo 13, 73, 81, 83, 84
currículo-ladrão-de-paz 72, 73
curupira 40, 81, 82

D

Deleuze e Guattari 11, 15, 21, 24, 25
Dictério
  Curupiranha 22, 32, 41, 76, 77, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88
ditadura
  cívico-militar
    Brasil 11, 21, 26, 44, 47, 54, 62, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 78, 92, 100
Dona Batata 22, 26, 27
Dona Gengibre 22, 23, 27, 28, 29, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 56, 57, 58, 59, 62, 65, 70

E

educação
  Curupiranha 11, 13, 17, 20, 21, 22, 25, 33, 44, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 101, 106

F

Felipa Aranha 17
Foucault 22, 32, 36, 62, 66, 75

G

gel de arnica 63
Grupo Gay da Bahia 12, 32, 99

H

Hooks 22

I

Inajá 7, 11, 12, 13, 18, 20, 21, 25, 33, 37, 43, 44, 49, 50, 52, 56, 57, 58, 63, 65, 68, 69, 79, 86, 88, 92, 94
Inajacy 7, 11, 12, 13, 18, 20, 21, 25, 33, 37, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 58, 60, 63, 68, 69, 70, 79, 81, 85, 86, 88, 92, 94
Irupé 14, 15, 42

J

Juaba 11, 18, 19, 26, 30, 51, 68, 92, 100

L

LGBTQIAP+ 11, 18, 19, 26, 30, 51, 68, 92, 100

M

MC Pokaroupas 8, 43
Miskolci 22, 32, 34, 79, 80

O

Olho de Boto 11, 17, 21, 22, 25, 33, 44, 45, 46, 64, 93, 98

P

Preciado 12, 13, 22, 32, 35, 36, 43, 85, 100

R

rizoma
  rizomas 15, 20, 24, 26, 31, 46, 60, 64

S

Salomão Larêdo 6, 11, 18, 21, 22, 28, 29, 33, 45, 46, 62, 64, 93, 98

T

Teoria
  Queer 12, 20, 21, 22, 32, 33, 39, 40, 44, 52, 75, 76, 77, 78, 99

Sobre os Autores



Luiz Ramiro Cruz Cardoso

Professor de Língua Inglesa no Instituto Federal do Pará - Campus Abaetetuba. Mestre em Educação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura na Universidade Federal do Pará (UFPA - CUNTINS). Graduação em Letras - Língua Inglesa e Portuguesa pela UFPA. Membro do grupo Anarkhos - Filosofia da Diferença, Corpo, Arte e Literatura em Educação - UFPA - CUNTINS. Membro do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas - NEABI/IFPA/Abaetetuba. Membro do Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidades - NEGED/IFPA/Abaetetuba. Pertencente e ativista pelo direito dos povos tradicionais - ribeirinhos e Carlota - Grupo LGBTQIAPN+ de Cametá. Desenvolve pesquisa cartográfica deleuziana na área de Educação e Literatura voltada para questões de gênero e sexualidade, como também atravessada pelo viés anticolonial na Amazônia. Escritor de prosa e poesia - Fênix: Marie Charlieés -2017 (Conto/Fantasia), Estrela Preta: Paraguaçu -2023 (romance/fantasia) e Corpo Elétrico - 2024 (Poesia).



Gilcilene Dias da Costa

Professora Associada da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA/REDE EDUCANORTE). Atuou como Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC) por dois biênios (2016-2018 e 2019-2021). Líder do Grupo de Pesquisa ANARKHOS – Micropolíticas, Arte-Performance e Experimentações Literárias na Educação (Diretório do CNPq). Membro-Associada à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Coordena do Programa de Extensão Observatório de Mulheres, Diversidades e Direitos Humanos do CUNTINS/UFPA - Observatório VIVAS). Desenvolve pesquisas nas áreas de Filosofia da Diferença e Educação; Cartografias Literárias e Artísticas na Educação; Antropofagia e Educação; Literatura de Autoria Feminina; Estudos Feministas, Gênero e Interseccionalidade. Coordena o Projeto de Pesquisa "Escritas antropofágicas: arte e literatura e educação" (PROPESP/UFPA).

PPGEDUC UFPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO E CULTURA

Este livro foi editado pela Editora do
Campus Universitário do Tocantins/
Cametá-UFPA para distribuição eletrônica
gratuita, no formato PDF, como meio de
difusão do conhecimento acadêmico.

1967
CASAMENTO HOMOAFETIVO DE INACHA

“Nas marés que incidem as germinações rizomáticas desta pesquisa que se desenvolveu em Cametá-PA. Assim, este trabalho nasce das memórias e fabulações de uma história popular incomum que se passa em Cametá, em geral, conhecida entre pessoas mais velhas. Um episódio de casamento à frente de seu tempo. Quem imaginaria um casamento homoafetivo em 1967 no interior da Amazônia Tocantina?”

PPGEDUC UFPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA

PROPESP
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação | UFPA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

9 786588 140284